UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

FABIO CAMPOS FATALLA

Proposta de metodologia para classificação fiscal de mercadorias têxteis na
Nomenclatura Comum do Mercosul

SÃO PAULO
2017

FABIO CAMPOS FATALLA

**PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA CLASSIFICAÇÃO
FISCAL DE MERCADORIAS TÊXTEIS NA
NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 15/09/2017. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Têxtil e Moda

Orientadora: Profa. Dra. Regina
Aparecida Sanches

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Fatalla, Fabio Campos

Proposta de metodologia para classificação fiscal de mercadorias têxteis na nomenclatura comum do Mercosul / Fabio Campos Fatalla ; orientadora, Regina Aparecida Sanches. – 2017

139 f. : il

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Indústria têxtil. 2. Produtos - Classificação. 3. Mercosul. I. Sanches, Regina Aparecida, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 677

Nome: FATALLA, Fabio Campos

Título: Proposta de metodologia para classificação fiscal de mercadorias têxteis na Nomenclatura Comum do Mercosul

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda

Aprovado em:19/10/2017

Banca Examinadora

Prof. Dr.	João Paulo Pereira Marcicano	Instituição:	Escola de Artes, Ciências e Humanidades Universidade de São Paulo
Julgamento:	Aprovado		
Prof. Dr.	Nicolas Theophanis Boukouvalas	Instituição:	Centro Universitário Anhanguera de São Paulo
Julgamento:	Aprovado		
Prof. Dra.	Adriana Yumi Sato Duarte	Instituição:	Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
Julgamento:	Aprovado		

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha esposa Adriana Fatalla e meus filhos Henrique Fatalla, Guilherme Fatalla e Helena Fatalla, que de muitas formas me ajudaram e incentivaram para que fosse possível a concretização deste trabalho. Aos meus colegas por estarem sempre presentes nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

À Escola de Artes Ciências e Humanidades (EACH/USP), pela oportunidade de ter realizado este curso de Mestrado.

A minha orientadora, Professora Doutora Regina Aparecida Sanches pela disponibilidade, confiança e pela autonomia que me deu durante a realização deste trabalho. Gostaria de agradecer a oportunidade que me ofereceu em realizar a dissertação numa área tão emergente como a aduaneira.

Ao meu grande amigo Professor Fernando Barros de Vasconcelos, pelo auxílio prestado na orientação para as melhores vias a seguir na realização do trabalho.

A minha esposa e meus filhos, por estarem sempre presentes, nos meus melhores e piores momentos, me ajudaram a caminhar e concluir esta jornada preenchendo meus dias com amor, carinho, paciência e confiança.

Aos Engenheiros Fernanda Gomes de Vasconcelos, Guilherme Venâncio de Oliveira e Allan Baptista Reis, pela disponibilidade em auxiliar e aconselhamentos.

Aos meus amigos agradeço toda a compreensão.

RESUMO

FATALLA, Fabio Campos. **Proposta de metodologia para classificação fiscal de mercadorias têxteis na Nomenclatura Comum do Mercosul**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão corrigida.

A Classificação Fiscal de Mercadorias está entre as principais dificuldades do dia a dia das empresas uma vez que é fundamental na determinação de vários impostos e taxas, notadamente, na apuração dos tributos envolvidos nas operações de importação e exportação. Com o aumento das operações de exportação e, principalmente, de importação nos últimos anos na área têxtil, a correta classificação de mercadorias tornou-se tema de fundamental importância no setor. Considerando o exposto, esse trabalho teve por objetivo analisar a classificação de materiais têxteis na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e desenvolver uma metodologia que possibilite e facilite a sua correta classificação. Através da identificação de pontos chaves na classificação dos produtos foram construídos fluxogramas lógicos de decisão que permitiram chegar à correta classificação de quatro produtos escolhidos como pilotos mostrando a aplicabilidade da metodologia proposta

Palavras-chave: Classificação Fiscal de Têxteis. Sistema Harmonizado. NCM.

ABSTRACT

FATALLA, Fabio Campos. **Proposal of a methodology for tax classification of textile goods in the Mercosur Common Nomenclature.** 2017. 139 f. Dissertação (Master of Science) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Corrected version.

Fiscal Goods Classification is one of the main difficulties in companies' day-to-day operations since it is fundamental in the determination of many tax and fees, in particular, in the determination of the taxes involved in import and export operations. With the increase of the export operations and, mainly, of the import in the last years in the textile area, the correct classification of commodities became a subject of fundamental importance in the sector. Considering the above, this work aimed to analyze the classification of textile materials in the Mercosul Common Nomenclature (NCM) and to develop a methodology that allows and facilitates its correct classification. By means of the identification of key points in the classification of the products, logical decision flow diagrams were constructed that allowed to reach the correct classification of four products chosen as pilots showing the applicability of the proposed methodology.

Keywords: Textile Tax Classification, Harmonized System, NCM

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Importações nacionais de têxteis (em US\$ milhões)	19
Figura 2 – Origem das importações nacionais de têxteis	19
Figura 3 – Importações nacionais de têxteis por tipo de material	19
Figura 4 – Importações nacionais de confeccionados (em US\$ milhões)	20
Figura 5 – Origem das importações nacionais de confeccionados	20
Figura 6 – Importações nacionais de confeccionados por tipo de produto	21
Figura 7 – Estrutura do Sistema Harmonizado	27
Figura 8 – Organização do Sistema Harmonizado	28
Figura 9 – Estrutura da NCM	29
Figura 10 – Organização da NCM	29
Figura 11 – Capítulos da Seção XI	36
Figura 12 – Capítulos 50 a 55	38
Figura 13 – Capítulos 50 a 55	38
Figura 14 – Principais fibras têxteis	39
Figura 15 – Classificação e siglas das fibras têxteis segundo a ABNT	39
Figura 16 – Principais apresentações dos materiais têxteis	40
Figura 17 – Fibras naturais	41
Figura 18 – Fibras químicas	41
Figura 19 – Fios singelos fiados	42
Figura 20 – Fios singelos monofilamento	42
Figura 21 – Fios multifilamento	43
Figura 22 – Fios multifilamento convencional e microfibras	43
Figura 23 – Fios torcidos “S” ou “Z”	44
Figura 24 – Fios retorcidos	44
Figura 25 – Fio retorcido múltiplo	45
Figura 26 – Exemplo de composição	46
Figura 27 – Exemplo de composição	46
Figura 28 – Exemplo de composição	47
Figura 29 – Exemplo de composição	47
Figura 30 – Exemplo de composição	48
Figura 31 – Exemplo de composição	48

Figura 32 – Exemplo de composição	49
Figura 33 – Fios acondicionados para venda no varejo	49
Figura 34 – Linhas de costura	50
Figura 35 – Estrutura do tecido	51
Figura 36 – Tecidos de diversas cores	52
Figura 37 – Tecidos estampados	52
Figura 38 – Seda	53
Figura 39 – Posições do capítulo 50	53
Figura 40 – Exemplo do capítulo 50	54
Figura 41 – Lã	54
Figura 42 – Posições do capítulo 51	55
Figura 43 – Exemplo do capítulo 51	56
Figura 44 – Algodão	56
Figura 45 – Posições do capítulo 52	57
Figura 46 – Outras fibras vegetais	58
Figura 47 – Posições do capítulo 53	58
Figura 48 – Filamentos sintéticos e artificiais	59
Figura 49 – Posições do capítulo 54	60
Figura 50 – Fibras descontínuas	60
Figura 51 – Posições do capítulo 55	61
Figura 52 – Capítulos 56 a 60	62
Figura 53 – Posições do capítulo 56	62
Figura 54 – Tapetes e revestimentos	63
Figura 55 – Posições do capítulo 57	63
Figura 56 – Posições do capítulo 58	64
Figura 57 – Posições do Capítulo 59	65
Figura 58 – Malha-trama	66
Figura 59 – Malha-urdidura	67
Figura 60 – Posições do capítulo 60	68
Figura 61 – Imitação de renda em malha-urdidura raschel	69
Figura 62 – Outros tecidos de malha – posição 60.06	69
Figura 63 – Capítulos 61, 62 e 63	70
Figura 64 – Posições do capítulo 61	72
Figura 65 – Posições do capítulo 62	73

Figura 66 – Posições do capítulo 63	73
Figura 67 – Capítulos 50 a 55	80
Figura 68 – Capítulos 50 a 55	81
Figura 69 – Capítulos 56 a 63	82
Figura 70 – Fluxograma 1	82
Figura 71 – Fluxograma 2	83
Figura 72 – Posições do capítulo 52	84
Figura 73 – Fluxograma de posições do capítulo 52 (1)	84
Figura 74 – Fluxograma de posições para fios de algodão (2)	85
Figura 75 – Fluxograma de subposições para fios de algodão – nível 1	86
Figura 76 – Fluxograma de subposições para fios de algodão – nível 2	86
Figura 77 – Posições do capítulo 55	88
Figura 78 – Fluxograma de posições do capítulo 55	89
Figura 79 – Fluxograma das posições 5513 a 5516	89
Figura 80 – Fluxograma para definição do primeiro dígito de subposição para a posição 5514	90
Figura 81 – Fluxograma para definição do segundo dígito de subposição para a posição 5514	92
Figura 82 – Posições do capítulo 60	94
Figura 83 – Posições do capítulo 60	95
Figura 84 – fluxograma de posições do capítulo 60	96
Figura 85 – fluxograma de posições do capítulo 60	97
Figura 86 – fluxograma de itens da subposição 6004.10	98
Figura 87 – fluxograma de itens da subposição 6004.10	99
Figura 88 – capítulos 61 a 63	100
Figura 89 – fluxograma para os capítulos 61 a 63	101
Figura 90 – posições do capítulo 62	102
Figura 91 – Posições do capítulo 62 (1)	104
Figura 92 – Posições do capítulo 62 (2)	105
Figura 93 – Subposições da posição 6204 (1º dígito)	106
Figura 94 – Subposições da posição 6204 (2º dígito)	107
Figura 95 – Classificação de fio de algodão – grupo de capítulos	109
Figura 96 – Classificação de fio de algodão – capítulo	110
Figura 97 – Classificação de fio de algodão – posição (1)	110

Figura 98 – Classificação de fio de algodão – posição (2)	111
Figura 99 – Classificação de fio de algodão – subposição nível 1	112
Figura 100 – Classificação de fio de algodão – subposição nível 2	113
Figura 101 – Classificação de tecido – grupo de capítulos	116
Figura 102 – Classificação de tecido – capítulo	116
Figura 103 – Classificação de tecido – grupo de posições	117
Figura 104 – Classificação de tecido – posição	118
Figura 105 – Classificação de tecido – primeiro algarismo da subposição	119
Figura 106 – Classificação de tecido – segundo algarismo da subposição	120
Figura 107 – Classificação de malha de urdume – capítulo	123
Figura 108 – Classificação de malha de urdume – posição	124
Figura 109 – Classificação de malha de urdume – subposição	125
Figura 110 – Classificação de malha de urdume – subposição	126
Figura 111 – Classificação de malha de urdume – subposição	127
Figura 112 – Classificação de vestido de algodão – capítulo	128
Figura 113 – Classificação de vestido de algodão – grupo de posições	130
Figura 114 – Classificação de vestido de algodão – posição	131
Figura 115 – Classificação de vestido de algodão – primeiro dígito da subposição.....	132
Figura 116 – Classificação de vestido de algodão – segundo dígito da subposição.....	133

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ADE COANA - Ato Declaratório Executivo Coordenação-Geral de
Administração Aduaneira

BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e

Social CAMEX - Câmara do Comércio Exterior

CCA - Conselho de Cooperação Aduaneira

CUCI – Classificação Uniforme para o Comércio Internacional

IEMI - Instituto de Estudos e Marketing Industrial

IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados

MDIC - Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do

Comércio NAB - Nomenclatura Aduaneira de Bruxelas

NCCA - Nomenclatura do Conselho de Cooperação Aduaneira

NCM - Nomenclatura Comum do Mercosul

NESH - Notas Explicativas do Sistema Harmonizado

OMA - Organização Mundial de Aduanas

RGC - Regras Gerais Complementares

SH - Sistema Harmonizado

TEC - Tarife Externa Comum

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
1.1	JUSTIFICATIVA	21
1.2	OBJETIVO	22
1.3	METODOLOGIA	22
1.4	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	22
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
2.1	A CLASSIFICAÇÃO FISCAL DE MERCADORIAS	24
2.2	HISTÓRICO	24
2.3	O SISTEMA HARMONIZADO (SH)	26
2.4	NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL (NCM)	28
2.5	REGRAS DE INTERPRETAÇÃO	30
2.5.1	Regras Gerais do sistema harmonizado	30
2.5.2	Regras Gerais Complementares (RGC)	32
2.5.3	Notas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH)	33
2.5.4	Consulta à Receita Federal	33
2.5.5	As seções da NCM	34
2.6	A SEÇÃO XI DA NCM: MATERIAIS TÊXTEIS E SUAS OBRAS	35
2.7	CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 50 a 55	37
2.7.1	Fibras têxteis	39
2.7.2	Construção dos fios	42
2.7.3	Considerações sobre a classificação dos têxteis nos capítulos 50 a 55	45
2.7.4	Capítulo 50 – Seda	52
2.7.5	Capítulo 51 – Lã, pelos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina.	54
2.7.6	Capítulo 52 – Algodão	56
2.7.7	Capítulo 53 – Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel	57
2.7.8	Capítulo 54 – Filamentos sintéticos ou artificiais; lâminas e formas semelhantes de matérias têxteis sintéticas ou artificiais	59
2.7.9	Capítulo 55 – Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	60
2.8	CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 56 a 60	61

2.8.1	Capítulo 56 – Pastas (ouates), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria.....	62
2.8.2	Capítulo 57 – Tapetes e outros revestimentos para pisos (pavimentos), de matérias têxteis	63
2.8.3	Capítulo 58 – Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados	64
2.8.4	Capítulo 59 – Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis	64
2.8.5	Capítulo 60 – Tecidos de malha	65
2.9	CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 61 a 63.....	70
2.9.1	Capítulo 61 – vestuário e seus acessórios, de malha	71
2.9.2	Capítulo 62 – vestuário e seus acessórios exceto malha	72
2.9.3	Capítulo 63 – Outros Artefatos Têxteis Confeccionados; Sortidos; Artefatos de Matérias Têxteis, Calçados, Chapéus e Artefatos de uso semelhante, usados; Trapos	73
2.10	ATO DECLARATÓRIO EXECUTIVO (ADE) COANA 22	74
2.10.1	Informações restritas aos fios:	74
2.10.2	Informações restritas aos tecidos:	76
3.	MATERIAIS E MÉTODOS	78
3.1	DISTINÇÃO ENTRE OS CAPÍTULOS 50 A 55 E 56 A 63	81
3.2	CAPÍTULOS 50 A 55	83
3.2.1	Fios de algodão	83
3.2.2	Tecido de fibras sintéticas descontinuas tinto	88
3.3	CAPÍTULOS 56 A 60	93
3.3.1	Malha de urdume poliamida / elastano	93
3.4	CAPÍTULOS 61 A 63.....	100
3.4.1	Vestido de tecido plano em algodão	100
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	108
4.1	FIO 100 % ALGODÃO	108
4.1.1	Descrição do material	108
4.1.2	ADE COANA 22	108
4.1.3	Fluxogramas	109
4.2	TECIDO PLANO POLIÉSTER/ALGODÃO	112
4.2.1	Descrição do material	112

4.2.2 ADE COANA 22	114
4.2.3 Fluxogramas	115
4.3 TECIDO DE MALHA POR URDUME POLIAMIDA/ELASTANO	120
4.3.1 Descrição do material	120
4.3.2 ADE COANA 22	120
4.3.3 Fluxogramas	122
4.4 VESTIDO DE TECIDO PLANO DE ALGODÃO	127
4.4.1 Descrição do material	127
4.4.2 Fluxogramas	128
5. CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS	136

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a modernização do parque têxtil tomou forma desde os anos 90. Os principais reflexos retrataram-se no aumento das importações de produtos e de equipamentos para o setor, da mesma forma que na redução do número de empresas e de empregos (OLIVEIRA e MEDEIROS, 1996).

As medidas com destino ao apoio à abertura comercial e incentivo da produção industrial nacional do início da década de 1990, bem como as políticas posteriores de estabilização da inflação introduzidas pelo Plano Real causaram transformações consideráveis na produção da indústria têxtil brasileira. Os impactos da abertura da economia brasileira e do aumento da concorrência externa a partir da abertura comercial, bem como a estabilização da moeda, que ampliou o consumo da população de renda mais baixa, levaram a transformações estruturais na cadeia têxtil nacional

A abertura comercial intensificou a busca de interesses entre os participantes deste contexto comercial. Esta disparidade tem origem nos produtos do setor que, por terem características muito homogêneas dos produtos intermediários, são tratados no mercado quase como produtos finais (MASSUDA, 2002).

De acordo com Antero (2006), a elevação da competitividade das cadeias produtivas é um propósito complexo, que envolve políticas de natureza sistêmica, em boa medida dependentes de iniciativas do governo, de natureza estrutural, de âmbito setorial, e ações de domínio empresarial relativas aos fatores microeconômicos.

Nas últimas décadas, nota-se uma tendência à crescente internacionalização da cadeia global nessas indústrias, com papel essencial exercido pelas grandes empresas compradoras internacionais. Esta nova realidade de organização da cadeia global exerceu efeitos importantes sobre a participação dos diferentes países no comércio internacional têxtil.

Segundo Coutinho, Hiratuka e Sabbatini (2003), os desafios enfrentados pelo Brasil para a sustentação do seu desenvolvimento econômico estão ligados à reestruturação de sua inserção internacional. Por conseguinte, um objetivo prioritário a ser perseguido pela gestão da política econômica deveria ser o aumento de competitividade do setor produtivo, contribuindo para que o Brasil reestruture sua pauta exportadora e ocupe melhores espaços na economia internacional.

A balança comercial do setor têxtil brasileiro sofreu duro impacto com a abertura

comercial e, se antes apresentava saldo positivo, embora decrescente, passou a ter déficit. Hoje, entretanto, o setor encontra-se em recuperação, depois de adotar medidas que deram início a um processo de reestruturação, com a modernização de seu parque de máquinas, aumento de produtividade e novas técnicas de gestão.

A participação do Brasil no comércio mundial é, ainda, de pouco menos de 1%. Os países asiáticos, nossos maiores concorrentes, modernizaram-se rapidamente e, atualmente, aparecem, junto com os Estados Unidos, entre os maiores produtores e exportadores de têxteis (FRANCISCHINI e AZEVEDO, 2009).

O papel da indústria têxtil ao longo do processo de industrialização do Brasil, sempre foi importante geradora de emprego e renda, mesmo quando as outras indústrias encontraram dificuldades maiores e tiveram crescimento negativo, provavelmente por ser o produto têxtil pouco sensível à queda de renda da população, ou seja, de baixa renda.

A indústria têxtil do Brasil nasceu ainda no período colonial, desenvolveu-se acentuadamente a partir do início do século XX e encontrou a maturidade na década de 1940, quando chegou a ser considerada um setor industrial dinâmico de uma economia subdesenvolvida. Isto se verificou tendo em vista ter alcançado uma sólida estrutura que lhe conferiu a posição de segundo lugar na produção têxtil mundial, e de exportar para grande parte do mundo, por ocasião da Segunda Guerra Mundial (GORINI e SIQUEIRA, 2002).

O ramo têxtil, no Brasil, reestruturou-se progressivamente, definindo uma ruptura com os padrões vigentes até então, com amplos reflexos sobre os estabelecimentos e o emprego. No mesmo sentido, a balança comercial efetivou essa influência na evolução do ramo têxtil.

Algumas ações realizadas pelo governo, além daquelas adotadas pelas próprias indústrias, já contribuíram com a melhoria da balança comercial do setor. O BNDES criou, em 1996, um programa exclusivo para financiamento às indústrias têxteis, respeitando suas características (FRANCISCHINI e AZEVEDO, 2009).

A indústria têxtil caracteriza-se pela descontinuidade entre os segmentos. O produto final de uma etapa constitui-se na matéria-prima para a seguinte. Apesar de constituírem etapas, na maioria das vezes sequenciais, cada um dos segmentos possui dinâmica própria, com especificidades tecnológicas de mercado e de matéria-prima, existindo empresas que se dedicam exclusivamente a uma delas.

No macrocomplexo têxtil, tanto a cadeia têxtil e de vestuário quanto a de calçados apresentaram queda de produção, apesar de suas importações terem apresentado as maiores quedas observadas no período. Esse comportamento foi claramente distinto no período quando as importações cresceram de forma explosiva (HAGUENAUER et al., 2001).

A cadeia produtiva têxtil vem passando por muitas transformações recentes, destacando-se especialmente aquelas relacionadas não apenas com as mudanças tecnológicas que permitiram expressivos incrementos de produtividade, mas também com a crescente importância do comércio intrabloco.

Além dos investimentos em novas tecnologias, a integração de empresas voltadas para fases distintas do processo têxtil apareceu como um fato relevante para a concretização de um novo padrão de concorrência. A histórica fragmentação do setor foi atenuada pela formação de redes compostas por ateliês de design, fornecedores de fibras e outras matérias-primas, tecelagens, confecções e grandes cadeias varejistas, em que a logística de toda a cadeia foi otimizada via informatização (GORINI, 2000).

A balança comercial do setor têxtil brasileiro sofreu duro impacto com a abertura comercial e, se antes apresentava saldo positivo, embora decrescente, passou a ter déficit.

De acordo com o IEMI (2014), entre 2010 e 2014, as importações nacionais de produtos têxteis não confeccionados cresceram 9,5%, embora tivesse seu auge em 2011 e desacelerado a partir de então, conforme mostra o gráfico da figura 1.

As Importações brasileiras do segmento têxtil, respondem por 26% do consumo interno, vindas notadamente da China, Indonésia e Índia conforme mostrado no gráfico da figura 2, sendo que a maior parte desse volume são de fios e tecidos (figura 3).

Figura 1 – Importações nacionais de têxteis (em US\$ milhões)

Fonte: IEMI, 2014

Figura 2 – Origem das importações nacionais de têxteis

Fonte: IEMI, 2014

Figura 3 – Importações nacionais de têxteis por tipo de material

Fonte: IEMI, 2014

Já a importação de confeccionados aumentou 127,5 % no mesmo período (2010 a 2014), conforme pode ser visto no gráfico da figura 4.

No segmento de confeccionados, as importações respondem por 6,4% do mercado interno, sendo originadas notadamente da China (figura 5), sendo que o setor de vestuário responde por 74,5 % do total (figura 6).

Figura 4 – Importações nacionais de confeccionados (em US\$ milhões)

Fonte: IEMI, 2014

Figura 5 – Origem das importações nacionais de confeccionados

Fonte: IEMI, 2014

Figura 6 – Importações nacionais de confeccionados por tipo de produto

Fonte: IEMI, 2014

Hoje, entretanto, o setor busca uma recuperação, depois de adotar medidas que deram início a um processo de reestruturação, com a modernização de seu parque de máquinas, aumento de produtividade e novas técnicas de gestão.

O processo de liberalização comercial e de globalização dos mercados, desencadeado a partir da abertura comercial no Brasil durante a década de 1990, provocou uma reorganização do setor têxtil brasileiro, quando este buscou se adequar ao novo cenário econômico. A reorganização foi marcada por um conjunto de mudanças produtivas e institucionais que tanto destruiu diversas empresas e inúmeros postos de trabalho, quanto provocou uma reordenação deste setor produtivo, com a introdução de diversas inovações. De qualquer forma o setor passou a conviver com um nível de importações de produtos jamais visto em outras épocas e uma parcela dessas importações deve se tornar permanente.

1.1 JUSTIFICATIVA

Classificar uma mercadoria é o procedimento de maior complexidade de interpretação nos processos de comércio exterior, principalmente na importação. É a classificação fiscal que vai determinar se o bem a ser importado ou exportado tem necessidade de autorização/licença prévia ao embarque, os impostos incidentes e se há alguma medida específica em vigor, como antidumping por exemplo.

A Classificação Fiscal de Mercadorias na NCM, por sua importância, está entre as principais dificuldades do dia a dia das empresas uma vez que é fundamental na determinação do IPI, na apuração dos tributos envolvidos nas operações de importação e exportação, bem como no montante do PIS/PASEP, da COFINS e do ICMS.

Efetuar a classificação correta da mercadoria é um trabalho extenso e, certamente, o mais importante de todo o processo de comércio exterior e, caso não seja efetuado corretamente, pode acarretar percalços que vão desde atrasos até a multas, sem falar no retrabalho gerado e que poderia ser evitado. Em casos de importação principalmente, deve-se dobrar a atenção ao solicitar que o fornecedor estrangeiro informe a classificação determinada pelo importador brasileiro, respeitando a estrutura da NCM, de modo que não haja dúvida no ato do desembaraço e tampouco erro de classificação que pode levar a multa por informação inexata.

Cabe a quem que está classificando o bem ler as notas de seção e capítulos presentes na Tarife Externa Comum (TEC – NCM), de modo a saber detalhadamente o que se enquadra e o que não se enquadra em determinada posição. As Notas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH) podem ajudar no entendimento das posições.

1.2 OBJETIVO

O objetivo desse trabalho é analisar a classificação de materiais têxteis na Nomenclatura Comum do Mercosul e desenvolver uma metodologia lógica que possibilite e facilite a sua correta classificação.

1.3 METODOLOGIA

Serão explorados os conceitos contidos na NESH e sua lógica de entendimento. Através do estudo de casos serão expostos exemplos de classificação especialmente escolhidos de forma a expor o raciocínio seguido nesses procedimentos.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho será dividido em seis capítulos a saber:

Capítulo 1 – Introdução: Apresenta um apanhado básico do que será tratado no trabalho, com objetivos, justificativa, perguntas e hipóteses e tipo de metodologia a ser utilizada, além do plano de organização do trabalho.

Capítulo 2 – Revisão bibliográfica: Esse capítulo tratará a evolução dos sistemas de classificação de mercadorias desde o seu surgimento até os dias atuais. Será discutida a sua evolução tanto no mundo como particularmente no Brasil. Também serão apresentados os sistemas atualmente vigentes no mundo (Sistema Harmonizado) e no Brasil (Nomenclatura Comum do Mercosul) com suas seções e capítulos, além de suas regras de interpretação e procedimentos classificatórios.

Também serão abordados detalhes da seção XI da NCM, Materiais têxteis e suas obras, avaliando seus capítulos principais, suas nuances, especificidades e descrição de materiais.

Capítulo 3 – Materiais e métodos: nesse capítulo serão desenvolvidos os conceitos básicos da lógica de classificação baseada na análise dos pontos-chaves da NESH.

Capítulo 4 – Resultados e discussões: nesse capítulo serão apresentados alguns exemplos de classificação baseados nos conceitos desenvolvidos no capítulo 4

Capítulo 5 – Conclusão: serão apresentadas as conclusões obtidas no trabalho.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A CLASSIFICAÇÃO FISCAL DE MERCADORIAS

Segundo Brogini (2008), no comércio internacional, “nomenclatura” é um tipo de codificação criada pelo homem para a identificação e classificação de mercadorias. Essa linguagem foi criada para facilitar o processo de troca comercial entre as nações, independentemente de diferenças linguísticas ou culturais. Com o aumento do comércio entre as nações tornou-se imperativo desenvolver métodos para identificação e classificação dos produtos visando determinar os tributos envolvidos nas operações de importação e exportação bem como o controle estatístico dessas operações.

Para facilitar as operações do comércio internacional, os países firmaram, ao longo do tempo, tratados que visavam padronizar a classificação dos produtos. O principal deles é a Convenção Internacional sobre o Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias, mais conhecida pela sigla SH (Sistema Harmonizado). Nesse sistema, as mercadorias são classificadas em códigos numéricos de seis dígitos, divididos em capítulos, seções e posições (BROGINI, 2008).

2.2 HISTÓRICO

A ideia da necessidade de uma nomenclatura uniforme que poderia ser a base para as tarifas aduaneiras de todos os países e que usaria uma única língua no comércio internacional, não se remonta a mais de um século.

Esta velha ambição de governos, empresas, especialistas aduaneiros e todos os interessados em comércio internacional, foi debatida em longos anos de estudos aprofundados e gerou enormes esforços para simplificar a harmonização dos procedimentos, e tornar possível a comparação dos direitos aduaneiros em benefício não só da sua aplicação segura, mas também a quantificação adequada do comércio internacional. A base das recomendações destinadas a alcançar este ideal foi baseada no fato conhecido que a diversidade de nomenclaturas aduaneiras nacionais representa uma série de problemas e obstáculos que impedem qualquer tentativa de análise racional e comparativa dos direitos aduaneiros e informações estatísticas

sobre o comércio exterior.

Segundo Bizelli (2006), ao longo do tempo realizaram-se inúmeras conferências e congressos no mundo visando estabelecer uma nomenclatura mundial harmonizada para as mercadorias.

Uma das primeiras foi a Nomenclatura Estatística Internacional aprovada na 2ª Conferência Internacional sobre Estatística Comercial, realizada em Bruxelas em 1913. Posteriormente surgiu a Nomenclatura Aduaneira da Liga das Nações, em 1937, conhecida como Nomenclatura de Genebra.

Ao final da 2ª Guerra Mundial, entre 1948 e 1949 os países da União Aduaneira Europeia, elaboraram, através de um Grupo de Estudos, um novo projeto baseado na Nomenclatura de Genebra. Esse projeto foi aprovado e incorporado ao Convênio de Bruxelas no final de 1950 com a denominação de Nomenclatura para a Classificação das Mercadorias nas Tarifas Aduaneiras.

A relação inicial do projeto sofreu modificações em 1955 que estabeleceu uma nova versão da nomenclatura, conhecida originalmente como NAB - Nomenclatura Aduaneira de Bruxelas e que, a partir de 1974, passou a ser denominada NCCA - Nomenclatura do Conselho de Cooperação Aduaneira.

Paralelamente, a Liga das Nações publicou, em 1938, uma “Lista Mínima de Mercadorias para Estatística de Comércio Exterior”, baseada na Nomenclatura de Genebra. Entre 1948 e 1950, essa lista foi adotada e posteriormente modificada pela Comissão de Estatística das Nações Unidas.

Em 1950 o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas adotou oficialmente essa classificação com o objetivo de facilitar o estudo e análise estatística dos fluxos do comércio internacional a qual passou a denominar-se CUCI – Classificação Uniforme para o Comércio Internacional.

As estruturas da NCCA e da CUCI embora tivessem um vínculo estreito, não apresentavam nenhuma correlação direta. A NCCA tinha como objetivo principal discriminar mercadorias para fins aduaneiros enquanto que a CUCI visava a obtenção de informações para análises e comparações estatísticas.

Em 1970, a ONU e o Conselho de Cooperação Aduaneira (CCA), órgão da Organização Mundial de Aduanas (OMA), juntamente com outras entidades internacionais decidiram elaborar um estudo para a criação de uma nova nomenclatura comum que pudesse atender aos interesses aduaneiros e estatísticos dos países. Seu principal objetivo foi a criação de um sistema único mundial de

designação e de codificação de mercadorias, podendo ser utilizado na elaboração das tarifas de direitos aduaneiros e de frete, nas estatísticas do comércio de importação e de exportação, de produção e dos diferentes meios de transporte de mercadorias, entre outras aplicações.

Após 13 anos, em junho de 1983, o CCA encerrou os trabalhos e aprovou o projeto de Convenção Internacional do Comitê sobre o Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias, e sendo conhecida como a Nomenclatura do Sistema Harmonizado (SH). Atualmente mais de 170 países adotam a nomenclatura SH. No Brasil sua adoção foi promulgada pelo poder executivo por meio do decreto nº 97409 de 23 de dezembro de 1988.

2.3 O SISTEMA HARMONIZADO (SH)

O "Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias", ou simplesmente "Sistema Harmonizado" é um sistema único mundial que visa designar e codificar mercadorias, podendo ser utilizado na elaboração das tarifas de direitos aduaneiros e de frete, das estatísticas do comércio de importação e de exportação, de produção e dos diferentes meios de transporte de mercadorias, entre outras aplicações (BIZELLI, 2006).

O Sistema Harmonizado, tem a seguinte estrutura (figura 7):

- Nomenclatura – Compreende 21 seções, composta por 97 capítulos, além das notas de seção e de capítulo. Os capítulos, por sua vez, são divididos em posições e subposições, atribuindo-se códigos numéricos a cada um dos desdobramentos citados. Enquanto o capítulo 77 foi reservado para uma eventual utilização futura no SH, os capítulos 98 e 99 foram reservados para usos especiais pelas partes contratantes. O Brasil, por exemplo, utiliza o Capítulo 99 para registrar operações especiais na exportação.
- Regras Gerais para a Interpretação do Sistema Harmonizado – Estabelecem as regras gerais de classificação das mercadorias na Nomenclatura.
- Notas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH) – Fornecem esclarecimentos e interpretam o Sistema Harmonizado, estabelecendo, detalhadamente, o alcance e conteúdo da Nomenclatura.

Figura 7 – Estrutura do Sistema Harmonizado

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

As mercadorias são identificadas por um conjunto de números, em ordem crescente, de acordo com o seu grau de elaboração, ou seja, quanto maior a complexidade do processo produtivo da mercadoria maior é seu número no Sistema Harmonizado. Dessa forma, as mercadorias estão ordenadas de forma progressiva, iniciando com animais vivos e terminando com as obras de arte, passando por matérias-primas e produtos semielaborados. Quanto maior a participação do homem na elaboração da mercadoria, mais elevado é o número do capítulo em que ela será classificada.

O SH compreende 5019 grupos ou categorias distintas de mercadorias identificadas por um código de 6 dígitos (DALSTON, 2006).

Conforme mostrado na figura 8, os dois primeiros dígitos indicam o Capítulo. A Posição dentro do Capítulo é identificada pelos terceiro e quarto dígitos. O quinto dígito, denominado Subposição Simples (ou de 1º nível), representa o desdobramento da Posição. O sexto dígito, Subposição Composta (ou de 2º nível), corresponde ao desdobramento da Subposição Simples. Se o quinto e sexto dígitos forem iguais a zero, significa que não há desdobramento da Posição. Se somente o sexto dígito for igual a zero, significa que não há desdobramento da Subposição Simples em um 2º nível.

Figura 8 – Organização do Sistema Harmonizado

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

O decreto 1343/94 instituiu a TEC (Tarifa Externa Comum), que é formada pela NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul) e as alíquotas de imposto de importação. Em 2001, a NCM e a TEC deixaram o âmbito do Ministério da Fazenda e passaram a ser responsabilidade da CAMEX (Câmara do Comércio Exterior) e do MDIC (Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio).

2.4 NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL (NCM)

A Nomenclatura SH é desdobrada pelas Nações, Uniões Econômicas e Uniões Aduaneiras de tal forma, que sejam obtidas as Nomenclaturas Nacionais ou Regionais. No âmbito do Mercosul, o SH foi desdobrado em Itens e Subitens (figura 9), formando a NCM, que é a Nomenclatura Comum do Mercosul adotada pelo Brasil e os demais países membros desde 1995 (SIFUENTES, 2013).

Figura 9 – Estrutura da NCM

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Além dos seis dígitos do Sistema Harmonizado, a NCM acrescentou mais dois dígitos, para os itens e subitens (figura 10). O item é representado pelo sétimo dígito e o subitem pelo oitavo dígito. Tanto itens quanto subitens desdobram-se de 0 a 9. Um dígito zero em qualquer posição indica a ausência de desdobramentos.

Figura 10 – Organização da NCM

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.5 REGRAS DE INTERPRETAÇÃO

A classificação de mercadorias deve ser feita mediante observação de algumas regras gerais e específicas (DALSTON, 2005).

As Regras Gerais do Sistema Harmonizado, contemplam as seis regras de interpretação, que devem ser aplicadas na ordem sequencial das mesmas. Além disso, existem no Mercosul duas Regras Gerais Complementares.

Entre as Normas específicas que regem a classificação de mercadorias incluem-se as Notas de seção, Notas de capítulos, Notas de Subposição, as Notas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH) além de Atos Declaratórios Interpretativos e Executivos e Instruções Normativas.

2.5.1 Regras Gerais do sistema harmonizado

De acordo com o Sistema Harmonizado, a classificação das mercadorias na sua Nomenclatura rege-se pelas seis regras seguintes, as quais devem ser aplicadas hierarquicamente em ordem sequencial.

2.5.1.1 Regra 1

Os títulos das Seções, Capítulos e Subcapítulos têm apenas valor indicativo. Para os efeitos legais, a classificação é determinada pelos textos das posições e das Notas de Seção e de Capítulo e pelas Regras seguintes desde que não sejam contrárias aos textos das referidas posições e Notas.

2.5.1.2 Regra 2

A regra 2 divide-se em duas partes a e b:

a) qualquer referência a um artigo em determinada posição abrange esse artigo mesmo incompleto ou inacabado, desde que apresente, no estado em que se encontra, as características essenciais do artigo completo ou acabado. Abrange igualmente o artigo completo ou acabado, ou como tal considerado nos termos das disposições precedentes, mesmo que se apresente desmontado ou por montar.

b) qualquer referência a uma matéria em determinada posição diz respeito a essa matéria, quer em estado puro, quer misturada ou associada a outras matérias. Da mesma forma, qualquer referência a obras de uma matéria determinada abrange

as obras constituídas inteira ou parcialmente por essa matéria.

A classificação destes produtos misturados ou artigos compostos efetua-se conforme os princípios enunciados na Regra 3.

2.5.1.3 Regra 3

Quando parecer que a mercadoria pode classificar-se em duas ou mais posições por aplicação da Regra 2b ou por qualquer outra razão, a classificação deve efetuar-se da forma seguinte:

a) A posição mais específica prevalece sobre as mais genéricas. Todavia, quando duas ou mais posições se refiram, cada uma delas, a apenas uma parte das matérias constitutivas de um produto misturado ou de um artigo composto, ou a apenas um dos componentes de sortidos acondicionados para venda a retalho, tais posições devem considerar-se, em relação a esses produtos ou artigos, como igualmente específicas, ainda que uma delas apresente uma descrição mais precisa ou completa da mercadoria.

b) os produtos misturados, as obras compostas de matérias diferentes ou constituídas pela reunião de artigos diferentes e as mercadorias apresentadas em sortidos acondicionados para venda a retalho, cuja classificação não se possa efetuar pela aplicação da Regra 3a, classificam-se pela matéria ou artigo que lhes confira a característica essencial, quando for possível realizar esta determinação.

c) nos casos em que as Regras 3a e 3b não permitam efetuar a classificação, a mercadoria classifica-se na posição situada em último lugar na ordem numérica, dentre as suscetíveis de validamente se tomarem em consideração.

2.5.1.4 Regra 4

As mercadorias que não possam ser classificadas por aplicação das Regras acima enunciadas classificam-se na posição correspondente aos artigos mais semelhantes.

2.5.1.5 Regra 5

Além das disposições precedentes, as mercadorias abaixo mencionadas estão sujeitas às regras seguintes:

a) os estojos para aparelhos fotográficos, para instrumentos musicais, para armas, para instrumentos de desenho, para joias e receptáculos semelhantes, especialmente fabricados para conterem um artigo determinado ou um sortido, e suscetíveis de um uso prolongado, quando apresentados com os artigos a que se destinam, classificam-se com estes últimos, desde que sejam do tipo normalmente vendido com tais artigos. Esta Regra, todavia, não diz respeito aos receptáculos que confirmam ao conjunto a sua característica essencial.

b) sem prejuízo do disposto na Regra 5a, as embalagens contendo mercadorias classificam-se com estas últimas quando sejam do tipo normalmente utilizado para o seu acondicionamento. Todavia, esta disposição não é obrigatória quando as embalagens sejam claramente suscetíveis de utilização repetida.

2.5.1.6 Regra 6

A classificação de mercadorias nas subposições de uma mesma posição é determinada, para efeitos legais, pelos textos dessas subposições e das Notas de Subposição respectivas, assim como, *mutatis mutandis*, pelas Regras precedentes, entendendo-se que apenas são comparáveis subposições do mesmo nível. Para os fins da presente Regra, as Notas de Seção e de Capítulo são também aplicáveis, salvo disposições em contrário.

2.5.2 Regras Gerais Complementares (RGC)

O sistema de classificação considera ainda algumas regras gerais complementares conforme disposto a seguir:

2.5.2.1 Regra geral complementar 1

As Regras Gerais para Interpretação do Sistema Harmonizado se aplicarão, "*mutatis mutandis*", para determinar dentro de cada posição ou sub posição, o item aplicável e, dentro deste último, o subitem correspondente, entendendo-se que apenas são comparáveis desdobramentos regionais (itens e subitens) do mesmo nível.

2.5.2.2 Regra geral complementar 2

As embalagens contendo mercadorias e que sejam claramente suscetíveis de utilização repetida, mencionadas na Regra 5 b), seguirão seu próprio regime de classificação sempre que estejam submetidas aos regimes aduaneiros especiais de admissão temporária ou de exportação temporária. Caso contrário, seguirão o regime de classificação das mercadorias.

2.5.3 Notas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH)

Para permitir a correta identificação de um código da NCM, se faz necessário conhecer as notas explicativas do sistema harmonizado de designação e de codificação de mercadorias, mais conhecidas por NESH (OLIVEIRA, 2009)

As Notas Explicativas do Sistema Harmonizado de Codificação e Classificação de Mercadorias (NESH) compreendem as Notas de Seção, de Capítulo e de Subposição. Trata-se de material extenso e pormenorizado, que estabelece, detalhadamente, o alcance e conteúdo da Nomenclatura abrangida pelo Sistema Harmonizado, divulgado por Instruções Normativas da Receita Federal do Brasil.

2.5.4 Consulta à Receita Federal

É possível realizar uma consulta para interpretação de mercadorias na NCM à Secretaria da Receita Federal pela própria empresa interessada conforme Instrução Normativa da RFB nº573/02. (CIESP, 2007)

A consulta deverá conter os seguintes elementos de informação sobre a mercadoria:

- a) Nome vulgar, comercial, científico e técnico
- b) Marca registrada, modelo, tipo e fabricante
- c) Função principal e secundária
- d) Princípio e descrição resumida do funcionamento
- e) Aplicação, uso e emprego
- f) Forma de acoplamento de motor a máquina ou aparelhos, quando for o caso
- g) Dimensões e peso líquido
- h) Peso molecular, ponto de fusão e densidade, para produtos do capítulo

39 da NCM

- i) Forma (líquido, pó, escamas, etc.) e apresentação (tambores, caixas, etc.)
- j) Matéria ou matérias de que é constituída a mercadoria e suas percentagens em peso ou em volume
- k) Processo de obtenção (industrial, farmacêutico, etc.), com descrição detalhadas
- l) Classificação adotada e pretendida

2.5.5 As seções da NCM

A NCM é composta de vinte e uma seções que estão listadas a seguir:

- Seção I - Animais vivos e produtos do reino animal
- Seção II - Produtos do reino vegetal
- Seção III - Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal
- Seção IV - Produtos das indústrias alimentares; bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; tabaco e seus sucedâneos manufaturados
- Seção V - Produtos minerais
- Seção VI - Produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas
- Seção VII - Plásticos e suas obras; borracha e suas obras
- Seção VIII - Peles, couros, peles com pelo e obras destas matérias; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa
- Seção IX - Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; cortiça e suas obras; obras de espartaria ou de cestaria
- Seção X - Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas); papel ou cartão e suas obras
- Seção XI - Matérias têxteis e suas obras
- Seção XII - Calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes, e suas partes; penas preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo
- Seção XIII - Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de

matérias semelhantes; produtos cerâmicos; vidro e suas obras

- Seção XIV - Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê), e suas obras; bijuterias; moedas
- Seção XV - Metais comuns e suas obras
- Seção XVI - Máquinas e aparelhos, material elétrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios
- Seção XVII - Material de transporte
- Seção XVIII - Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida, de controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; artigos de relojoaria; instrumentos musicais; suas partes e acessórios
- Seção XIX - Armas e munições; suas partes e acessórios
- Seção XX - Mercadorias e produtos diversos
- Seção XXI - Objetos de arte, de coleção e antiguidades

2.6 A SEÇÃO XI DA NCM: MATERIAIS TÊXTEIS E SUAS OBRAS

Os materiais têxteis em geral estão abordados na Seção XI – Materiais têxteis e suas obras, nos capítulos 50 a 63. Desta seção fazem parte:

- Matérias-primas da indústria têxtil (fibras)
- Produtos intermediários (fios, tecidos e malhas)
- Produtos confeccionados para vestuário, cama, mesa e banho

Na figura 11 estão descritos os Capítulos que compõem a Seção XI:

Figura 11 – Capítulos da Seção XI

50	SEDA
51	LÃ, PELOS FINOS OU GROSSEIROS; FIOS E TECIDOS DE CRINA
52	ALGODÃO
53	OUTRAS FIBRAS TÊXTEIS VEGETAIS; FIOS DE PAPEL E TECIDOS DE FIOS DE PAPEL
54	FILAMENTOS SINTÉTICOS OU ARTIFICIAIS; LÂMINAS E FORMAS SEMELHANTES DE MATÉRIAS TÊXTEIS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS
55	FIBRAS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS, DESCONTÍNUAS
56	PASTAS (OUATES), FELTROS E FALSOS TECIDOS; FIOS ESPECIAIS; CORDÉIS, CORDAS E CABOS; ARTIGOS DE CORDOARIA
57	TAPETES E OUTROS REVESTIMENTOS PARA PISOS (PAVIMENTOS), DE MATÉRIAS TÊXTEIS
58	TECIDOS ESPECIAIS; TECIDOS TUFADOS; RENDAS; TAPEÇARIAS; PASSAMANARIAS; BORDADOS
59	TECIDOS IMPREGNADOS, REVESTIDOS, RECOBERTOS OU ESTRATIFICADOS; ARTIGOS PARA USOS TÉCNICOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS
60	TECIDOS DE MALHA
61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA
62	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, EXCETO DE MALHA
63	OUTROS ARTEFATOS TÊXTEIS CONFECCIONADOS; SORTIDOS; ARTEFATOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS, CALÇADOS, CHAPÉUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE, USADOS; TRAPOS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH,
2016

Essa seção tem foco sobretudo nos matérias têxteis intermediárias e artigos acabados para vestuário e têxteis do lar.

Algumas exceções a esse conceito são materiais de composição têxtil de uso técnico ou utilizados em máquinas, aparelhos, instalações ou instrumentos incluídos nos capítulos 56 e 59 tais como:

- Cabos e cordas
- Mechas para isqueiros, velas, etc.
- Correias transportadoras ou de transmissão
- Mangueiras e tubos

Se tomarmos como exemplo uma camisa, tanto o tecido utilizado na sua fabricação como a camisa em si são classificados na seção XI, porém em capítulos diferentes. Se uma empresa importa tecido a ser utilizado na produção de camisas este será classificado num capítulo. Se ao invés disso a empresa importa a camisa

pronta esta será classificada em outro capítulo, mas ambos da Seção XI.

No entanto, outros produtos acabados ou confeccionados de outras áreas não estão incluídos nessa seção mesmo que sejam constituídos total ou parcialmente de têxteis. Vejamos alguns exemplos:

- Os tecidos usados na confecção de calçados pertencem à Seção XI, porém os calçados, independentemente de sua composição são classificados na seção XII - Calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes, e suas partes; penas preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo.
- O fio usado como matéria prima para produção de fio dental pertence à Seção XI enquanto que o fio dental pronto em embalagem para venda no varejo é classificado na Seção VI - Produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas
- O tecido e as fibras de enchimento que compõem uma almofada são classificados cada um em seu respectivo capítulo na Seção XI. No entanto a almofada pronta deve ser classificada na seção na Seção XX - Mercadorias e produtos diversos
- Os materiais têxteis usados na fabricação de roupas para bonecas são classificados individualmente na Seção XI. Já a roupa da boneca para venda bem como a própria boneca vestida com a roupa devem ser classificados na Seção XX - Mercadorias e produtos diversos
- As telas para pneus são classificadas na Seção XI enquanto que o pneu acabado deve ser classificado na Seção VII - Plásticos e suas obras; borracha e suas obras.

Os Capítulos da Seção XI podem ser divididos em dois grupos que apresentam mecânicas de classificação distintas:

- Capítulos 50 a 55, que incluem fibras, fios e tecidos planos e cuja classificação é norteadada inicialmente pelo tipo de fibra;
- Capítulos 56 a 63 que incluem os demais materiais têxteis da seção.

2.7 CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 50 a 55

Nesses Capítulos os produtos têxteis são agrupados conforme as matérias que os constituem (figura 12). Cada um deles trata de uma ou de várias matérias têxteis, puras ou misturadas entre si, nas diferentes fases de manufatura até a sua transformação em tecidos.

Figura 12 – Capítulos 50 a 55

50	SEDA
51	LÃ, PELOS FINOS OU GROSSEIROS; FIOS E TECIDOS DE CRINA
52	ALGODÃO
53	OUTRAS FIBRAS TÊXTEIS VEGETAIS; FIOS DE PAPEL E TECIDOS DE FIOS DE PAPEL
54	FILAMENTOS SINTÉTICOS OU ARTIFICIAIS; LÂMINAS E FORMAS SEMELHANTES DE MATÉRIAS TÊXTEIS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS
55	FIBRAS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS, DESCONTÍNUAS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH,
2016

Eles compreendem gradativamente (figura 13):

- Matéria-prima (fibras)
- Desperdícios e resíduos de recuperação
- Fios
- Tecidos

Figura 13 – Capítulos 50 a 55

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas,
2016

2.7.1 Fibras têxteis

As principais matérias primas têxteis (fibras) estão mostradas no quadro da figura 14, de acordo com Maluf e Kolbe (2003).

Figura 14 – Principais fibras têxteis

NATURAIS	Vegetais		de sementes	coco, algodão		
			de caules	cânhamo, juta, linho, malva, rami, abacá		
			de folhas	sisal, rãfia, abacaxi, bananeira, piaçava		
	Animais	de pelos ou crinas	lãs	ovelhas		
			pelos finos	alpaca, angorá, cashemire, coelho, lhama, vicunha, camelo		
pelos grossos			cabras			
		de secreção	seda cultivada e seda Tussah			
Minerais		amianto ou asbesto	crisolita			
MANUFATURADAS	Base orgânica	Artificiais (polímeros naturais)	celulósicas (vegetais)	celulose regenerada	viscose, liocel, modal, polinósica	
				éster de celulose	acetato, triacetato	
			de algas	alginato		
			de látices	borracha		
			de animais	caseína (leite)		
		Sintéticas (polímeros sintéticos)		poliéster		
			por policondensação	poliamidas	cadeia normal cadeia aromática	
			por polimerização	olefinas	polietileno, polipropileno, elastodieno	
				combinações de polivinila	acrílica, modacrílica, vinial, vinilal, polícloreto de vinila, polícloreto de vinilideno	
				de flúor	politetrafluoretileno, policlorotrifluoretileno	
		por poliadição	elastana, poliuretana			
	Base inorgânica		Carbono, cerâmica, lã de escória, lã de rocha, metálica, vidro			

Fonte: Maluf e Kolbe (2003)

De acordo com a ABNT (NBR 12744/1992) as fibras têxteis são classificadas conforme o quadro da figura 15 com as respectivas siglas.

Figura 15 – Classificação e siglas das fibras têxteis segundo a ABNT

FIBRAS NATURAIS	FIBRAS NATURAIS	FIBRAS ARTIFICIAIS	FIBRAS SINTÉTICAS
VEGETAIS	ANIMAIS		
SEMENTES	SECREÇÃO	CA- Acetato	PAN- Acrílica
CO - Algodão	S - Seda	AL - Alginato	AR - Aramida
CP - Capoeque (Paina)	PÊLOS	LA- Borracha	PVC - Cloreto de polivinila
CAULES	WP - Alpaca	CAR- Carbono	PVD - Cloreto de polivinilideno
CH - Cânhamo	WA- Angorá	CPT - Caseína	EL - Elastano
CJ - Juta	WC- Cabra	CUP- Cupro	MAC- Modacrílica
CK - Kenaf	WS - Cashmere	SLF - Escória	PVH - Multipolímero
CL - Linho	WK - Camelo	CLY - Liocel	PA- Poliamida*
CM - Malva	WR - Coelho	MTF - Metálica	PUA- Policarbamida
CR - Rami	WO - Lã	MT - Metalizadas	PCF - Polidoro-trifluoretileno
FOLHAS	WL - Lhama	CMD - Modal	PES - Poliéster
CB - Abacá	WM - Mohair	STF - Rocha	PST - Poliestireno
CN - Carová (Corová)	WV - Mounha	CTA- Triacetato	PE - Polietileno
CF - Fómio	MINERAIS	GF - Vidro	PP - Polipropileno
CS - Sisal	A- Asbesto (Amianto)	CV- Viscose	PFT - Politetrafluoretileno
FRUTOS			PUR - Poliuretana
CC - Coco			PVA- Vinil

Fonte: ABNT (NBR 12744/1992)

De acordo com Araujo e Castro (1986), dependendo do processo de obtenção podem ser obtidos diversos tipos de materiais:

- Fio monofilamento
- Fio multifilamento
- Filamento
- Fibra descontínua
- Flocos
- Fibras perfiladas
- Fibras bi componentes
- Filamentos cortados de filmes
- Filamentos ou fibras de fibrilação

A figura 16 mostra um resumo dessas possibilidades:

Figura 16 – Principais apresentações dos materiais têxteis

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.1.1 Fibras naturais

As fibras naturais são encontradas na natureza e subdividem-se em animais,

vegetais e minerais (MALUF e KOLBE, 2003), conforme mostrado na figura 17.

Figura 17 – Fibras naturais

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.1.2 Fibras químicas

De acordo com Cook (1984), são fibras produzidas pelo homem partir de polímeros naturais (fibras artificiais) ou de polímeros produzidos também pelo homem (fibras sintéticas) conforme mostrado na figura 18.

Figura 18 – Fibras químicas

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.2 Construção dos fios

Segundo Lord (2003), os fios têxteis podem ser construídos de diversas formas conforme resumido a seguir.

2.7.2.1 Fios simples (singelos)

São fios constituídos de apenas um cabo e podem ser obtidos por diferentes processos:

- Fios fiados: Constituídos por fibras descontínuas reunidas por torção ou outro método de coesão (figura 19).

Figura 19 – Fios singelos fiados

Fonte: Lord (2003)

- Fios monofilamentos (geralmente lisos): filamentos individuais contínuos obtidos na fiação de fibras químicas (figura 20).

Figura 20 – Fios singelos monofilamento

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

- Fios multifilamentos: vários filamentos contínuos mantidos unidos com ou sem torção que podem ser lisos, texturizados ou texturizados a ar (figura 21).

Figura 21 – Fios multifilamento

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

Com relação ao número de filamentos Guillén (2001) define que os fios multifilamentos podem ser classificados em convencional e microfibras (figura 22).

Figura 22 – Fios multifilamento convencional e microfibras

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

2.7.2.2 Fios torcidos e retorcidos

São fios constituídos por um único fio singelo com torção (fio torcido) ou pela junção de vários cabos de fios singelos, normalmente por torção (fio retorcido). (ARAÚJO e CASTRO, 1986)

- Fios torcidos no sentido S ou Z (figura 23)

Figura 23 – Fios torcidos “S” ou “Z”

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

- Fios retorcidos: constituído por dois ou mais fios simples reunidos por retorcimento (figura 24).

Figura 24 – Fios retorcidos

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

- Fios retorcidos múltiplos: obtidos pela torção de dois ou mais fios retorcidos (figura 25).

Figura 25 – Fio retorcido múltiplo

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.3 Considerações sobre a classificação dos têxteis nos capítulos 50 a 55

2.7.3.1 Classificação dos produtos têxteis formados por misturas de matérias têxteis:

A classificação de produtos têxteis incluídos nos capítulos 50 a 55 deve levar em conta inicialmente a matéria prima constituinte (NESH, 2008). No entanto, são bastante comuns artigos têxteis produzidos por misturas de duas ou mais matérias primas diferentes. Segundo Walczak (2002), essas misturas podem ser efetuadas em diferentes etapas dos processos têxteis:

- Antes ou durante a fiação – processo conhecido como mistura “íntima”.

Exemplos comuns são as misturas de algodão e poliéster PES/CO 50/50% e PES/CO 67/33%.

- Durante a torção ou torção múltipla - fios de diferentes composições são torcidos juntos.
- Durante o tecimento do tecido – teares planos ou circulares são alimentados com fios de diferentes composições.

Nesses casos, de acordo com a NESH (2008) devem ser seguidas as seguintes regras:

- A.** Os produtos devem ser classificados como se fossem constituídos inteiramente pela matéria têxtil predominante em peso na sua composição. Dessa forma, por exemplo, um artigo constituído de 75% algodão e 25% poliéster deve ser classificado como se fosse 100% algodão (capítulo 52) (figura 26).

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Outro artigo composto, por exemplo, de 60% algodão, 20% linho e 20% viscose deve também ser classificado como se fosse 100% algodão (capítulo 52) (figura 27).

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

- B.** Quando nenhuma matéria predomine em peso, o produto é classificado como se fosse inteiramente constituído pela matéria têxtil que se inclui na posição situada em último lugar na ordem numérica dentre as suscetíveis de validamente se tomarem em consideração. Assim, um produto constituído de 50% algodão e 50% poliéster filamento, deverá ser classificado como se fosse 100% poliéster filamento (capítulo 54) (figura 28).

Figura 28 – Exemplo de composição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

C. Para efeitos de classificação, matérias primas do mesmo capítulo consideram-se conjuntamente. Dessa forma devem-se somar os percentuais de composição de todas as matérias presentes no produto que pertençam ao mesmo capítulo, como:

- todos os fios de origem de pelos e lã (capítulo 51),
- todas as outras fibras vegetais exceto algodão (capítulo 53),
- todos os filamentos contínuos sintéticos ou artificiais (capítulo 54),
- todas as fibras descontínuas sintéticas ou artificiais (capítulo 55). Assim, por exemplo, num produto contendo 40% de algodão, 30 % de poliéster (fibra sintética descontínua) e 30% de viscose (fibra artificial descontínua) devem-se somar os percentuais de composição de poliéster e viscose, que perfaz 60% tornando-os majoritários no artigo que deverá ser classificado como se fosse totalmente constituído de fibras descontínuas artificiais ou sintéticas (capítulo 55) (figura 29).

Figura 29 – Exemplo de composição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Em outro exemplo, num produto composto de 40 % poliéster, 35% lã penteada e 25 % pelos finos devem ser somados os percentuais de lã e pelos que perfazem 60 %. Então a matéria prima majoritária no artigo é a do capítulo

51(lã, pelos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina) (figura 30).

Figura 30 – Exemplo de composição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

- D.** Quando os capítulos 54 e 55 devam ambos ser levados em consideração em relação a outro capítulo, estes dois capítulos devem ser tratados como um único e mesmo capítulo.

O exemplo da figura 31, mostra um produto composto de 35% de poliéster filamento (cap. 54), 25% fibras de viscose (cap. 55) e 40% de algodão. O percentual somado das matérias primas dos capítulos 54 e 55 perfaz 60 %, portanto maior que o percentual de algodão. Assim o artigo deverá ser classificado num desses dois capítulos (54 ou 55), nesse caso no capítulo 54 por que apresenta percentual maior que o capítulo 55.

Figura 31 – Exemplo de composição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Outro exemplo (figura 32) mostra um produto onde, assim como no caso anterior, a soma das matérias dos capítulos 54 e 55 supera as demais (capítulo 51). Nesse caso a classificação final será no capítulo 55 pois como os percentuais dos capítulos 54 e 55 são iguais, vale a classificação de ordem numérica mais alta.

Figura 32 – Exemplo de composição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.3.2 Considerações sobre fios

2.7.3.2.1 Fios acondicionados para venda ao varejo:

Uma das distinções abrangida nas posições dos capítulos 50 a 55 refere-se ao tipo de apresentação dos fios, no sentido de tratar-se de embalagem própria para venda ao varejo ou não (nesse caso para uso em processos industriais).

O quadro da figura 33 mostra as especificações de apresentações para venda no varejo segundo a NESH (2008):

Figura 33 – Fios acondicionados para venda no varejo

Tipo de embalagem	Tamanho do suporte (peso máx. incluindo o suporte)
Cartões, bobinas, tubos e suportes semelhantes.	85 g – fios e desperdícios de seda ou de filamentos sintéticos ou artificiais 125 g – outros fios
Bolas, novelos ou meadas.	85 g – fios de filamentos sintéticos ou artificiais com menos de 3000 dtex, seda e desperdícios de seda. 125 g – outros fios c/ menos de 2000 dtex 500 g – outros fios
Meadas subdivididas em meadas menores por um ou mais divisores (meadas independentes)	85 g – fios e desperdícios de seda ou de filamentos sintéticos ou artificiais 125 g – outros fios (Nota: pesos de cada subdivisão)

Fonte: Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.7.3.2.2 Linhas de costura:

Para efeito de classificação são considerados como linha de costura (figura 34) os fios retorcidos ou retorcidos múltiplos que preencham simultaneamente as seguintes condições:

- Apresentarem-se em suportes (bobinas, tubos, cones, carreteis, etc.) com peso não superior a 1.000 g, incluído o suporte;
- Encontrarem-se acabados, tendo em vista a sua utilização como linha para costurar;
- Apresentarem torção final em "Z".

Figura 34 – Linhas de costura

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

2.7.3.2.3 Fios de alta tenacidade:

Consideram-se fios de alta tenacidade aqueles cuja tenacidade, expressa em cN/tex, seja superior aos seguintes limites:

- Fios simples de poliamida ou de poliéster: 60 cN/tex
- Fios retorcidos ou retorcidos múltiplos de poliéster: 53 cN/tex
- Fios simples, retorcidos ou retorcidos múltiplos de viscose: 27 cN/tex

2.7.3.3 Considerações sobre os tecidos

2.7.3.3.1 Definição de tecidos:

Nos Capítulos 50 a 55, o termo tecido designa os produtos obtidos por entrecruzamento, em teares de urdidura e de trama, de fios têxteis (quer estes fios sejam considerados como fios dos Capítulos 50 a 55, quer como cordéis da posição

56.07), ou de mechas, monofilamentos ou lâminas e formas semelhantes do Capítulo 54, de fios denominados "de cadeia" (*chainette*), de fitas estreitas, de entrançados ou de fitas sem trama em fios ou fibras paralelizadas e colados etc., desde que:

- não se trate de tapetes e outros revestimentos de pavimentos (Capítulo 57)
- não se trate de veludos, pelúcias ou chenille, atoalhados, tapeçarias, etc.
- não sejam revestidos, impregnados, nem de uso técnico,
- não sejam confeccionados

2.7.3.3.2 Estrutura dos tecidos:

Os tecidos são formados pelo entrelaçamento de fios de urdume e trama, (ARAUJO e CASTRO, 1986) como mostrado na figura 35. Na NESH utiliza-se o termo urdidura (português de Portugal) ao invés de urdume (português do Brasil).

Figura 35 – Estrutura do tecido

Fonte: adaptado de autor Araujo e Castro (1986)

2.7.3.4 Considerações sobre acabamentos de tecidos

Os tecidos englobados pelos capítulos 50 a 55 têm suas posições divididas em sub posições conforme segue:

- Tecidos crus:

São os tecidos que não tenham sofrido nem branqueamento, nem tintura, nem estampa.

- Tecidos branqueados:

São os tecidos que tenham sido branqueados ou tingidos de branco ou constituídos por fios branqueados, ou constituídos por fios crus e fios branqueados.

- Tecidos tintos:

São tingidos de cor diferente do branco em uma única cor uniforme, ou constituídos por fios coloridos de uma única cor uniforme.

- Tecidos de fios de diversas cores (figura 36):

São constituídos por fios de diferentes cores ou por fios de tons diferentes de uma mesma cor, com exclusão da cor natural das fibras constitutivas. Normalmente enquadram-se aqui os tecidos listrados e xadrezes obtidos não por estampa.

Figura 36 – Tecidos de diversas cores

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

- Tecidos estampados (figura 37):

São os tecidos estampados na peça, mesmo que sejam constituídos por fios de diversas cores.

Figura 37 – Tecidos estampados

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

2.7.4 Capítulo 50 – Seda

O Capítulo 50 abrange a seda e as misturas desta com matérias têxteis assimiladas, desde os casulos até o tecido (figura 38).

Incluem-se neste capítulo as sedas das aranhas, a seda marinha (byssus) e

o pelo de Messina (crina de Florença).

Figura 38 – Seda

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

A figura 39 mostra as sete posições relativas ao capítulo 50:

Figura 39 – Posições do capítulo 50

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Um tecido plano, por exemplo, composto de 15% de filamentos de poliéster, 15% de fibras de viscose e 70% de seda será classificado na posição 5007 conforme mostrado na figura 40:

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

2.7.5 Capítulo 51 – Lã, pelos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina

Esse capítulo abrange, de um modo geral, a lã e os pelos, finos ou grosseiros, nas diversas fases de transformação, desde a fibra até o tecido, bem como os fios e tecidos de crina (figura 41).

Figura 41 – Lã

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

Estão incluídos nesse capítulo:

- Lã: fibra natural que cobre os ovinos
- Pelos finos: os pelos de alpaca, lhama, vicunha, camelo e dromedário, iaque, cabra angorá, Caxemira ou semelhantes
- Pelos grosseiros: os pelos dos animais não mencionados

anteriormente. Estão excluídos desse capítulo:

- Os pelos e cerdas utilizados na fabricação de pincéis, escovas e semelhantes.

A figura 42 mostra as posições do capítulo 51:

Figura 42 – Posições do capítulo 51

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Por exemplo, um novelo composto de fio 65% Lã e 35% fibra Acrílica conforme mostrado na figura 43, deverá ser classificado na posição 5109:

- Capítulo 51, pois a composição majoritária do produto é lã;
- Posição 5109, pois trata-se de fio de lã para venda a varejo (novelo)

Figura 43 – Exemplo do capítulo 51

Fonte: Fabio Campos Fatalla,
2016

2.7.6 Capítulo 52 – Algodão

Esse capítulo inclui o algodão nas suas diversas fases de transformação, desde a fibra até o tecido, além de produtos mistos semelhantes ao algodão (figura 44).

Figura 44 – Algodão

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

A figura 45 mostra as posições do capítulo 52:

Figura 45 – Posições do capítulo
52

5201 Algodão nem cardado nem penteado	5202 Desperdícios de algodão	5203 Algodão cardado ou penteado
5204 Linhas para costurar	5205 Fios de algodão (mínimo 85%)	5206 Fios de algodão (menos de 85%) não acondicionado para venda a retalho
5207 Fios de algodão para venda a retalho	5208 Tecidos de algodão (mínimo 85%) gramatura inferior a 200 g/m ²	5209 Tecidos de algodão (mínimo 85%) gramatura superior a 200 g/m ²
5210 Tecidos de algodão (menos de 85%) com fibras sintéticas ou artificiais, gramatura inferior a 200 g/m ²	5211 Tecidos de algodão (menos de 85%) com fibras sintéticas ou artificiais, gramatura superior a 200 g/m ²	5212 Outros tecidos de Algodão

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH,
2016

Nos tecidos de algodão estão incluídos os tecidos conhecidos por índigo denim. Nesses tecidos três construções são mais utilizadas: a sarja 3 x 1, a sarja 2 x 1, a sarja interrompida (sarja quebrada ou cetim de 4) e a tela (*Chambray*). Os fios de urdume (100% algodão) são tintos com corante índigo e a trama de algodão cru. As tramas podem ser também de fios mistos com elastano, com fibras e filamentos sintéticos e/ou artificiais.

2.7.7 Capítulo 53 – Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel

Esse capítulo engloba as matérias têxteis vegetais, exceto o algodão, nas suas diversas fases de transformação na indústria têxtil, incluídos os tecidos (figura 46).

Fazem parte desse capítulo fibras como: linho, juta, rami, cânhamo, sisal,

cairo, abacá, coco, etc.

Figura 46 – Outras fibras vegetais

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

Os fios para serem classificados nesta posição, não devem satisfazer às definições de cordéis, cabos, etc. da posição 56.07, ou seja, não se enquadram nesse capítulo as cordas e cabos desses materiais.

A figura 47 mostra as posições que fazem parte desse capítulo:

Figura 47 – Posições do capítulo

53

5301 Linho bruto ou trabalhado e desperdícios	5302 Cânhamo não fiado	5303 Juta e outras fibras liberianas não fiadas
5304 Cairo, Abacá, Rami e outras em bruto ou trabalhadas e desperdícios	5305 Fios de linho	5306 Fios de Juta ou de outras fibras liberianas
5307 Fios de outras fibras vegetais; fios de papel	5308 Tecidos de Linho	5309 Tecidos de Juta ou outras fibras liberianas da posição 5303
5310 Tecidos de outras fibras vegetais; tecidos de fios de papel		

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.7.8 Capítulo 54 – Filamentos sintéticos ou artificiais; lâminas e formas semelhantes de matérias têxteis sintéticas ou artificiais

O presente Capítulo abrange os filamentos e monofilamentos sintéticos ou artificiais (figura 48), bem como os fios e os tecidos obtidos a partir desses filamentos.

Figura 48 – Filamentos sintéticos e artificiais

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

Estão excluídos desse capítulo:

- Os fios utilizados para limpar os espaços interdentais (fios dentais), em embalagens individuais para venda a retalho,
- Os fios e cordas da posição 40.07,
- As fibras descontínuas, os fios e os tecidos de fibras descontínuas, bem como os desperdícios de filamentos, os desperdícios de fios e os fiapos,
- As fibras de carbono e suas obras da posição 68.15,
- As fibras de vidro e suas obras da posição 70.19.

A figura 49 mostra as posições do capítulo 54:

Figura 49 – Posições do capítulo 54

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.7.9 Capítulo 55 – Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas

O presente Capítulo abrange as fibras descontínuas sintéticas ou artificiais bem como os fios e os tecidos obtidos a partir dessas fibras (figura 50).

Figura 50 – Fibras descontínuas

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

Incluem-se nesse capítulo (nas posições 55.01 e 55.02) os cabos de filamentos sintéticos ou artificiais, constituídos por um conjunto de filamentos paralelos, de comprimento uniforme e igual ao dos cabos, que satisfaçam as seguintes condições:

- Comprimento do cabo superior a 2m
- Torção do cabo inferior a 5 voltas/m
- Título unitário dos filamentos inferior a 67 dtex
- Cabos de filamentos sintéticos estirado
- Alongamento não pode ser mais que 100% do seu comprimento
- Título total do cabo superior a 20.000 dtex

Os cabos cujo comprimento não exceda 2 metros classificam-se nas posições

55.03 ou 55.04

A figura 51 mostra as posições do capítulo 55:

Figura 51 – Posições do capítulo 55

5501 Cabos de filamentos sintéticos	5502 Cabos de filamentos artificiais	5503 Fibras sintéticas descontinuas, não cardadas, não penteadas	5504 Fibras artificiais descontinuas, não cardadas, não penteadas
5505 Desperdícios de fibras sintéticas ou artificiais	5506 Fibras sintéticas descontinuas, cardadas, penteadas	5507 Fibras artificiais descontinuas cardadas penteadas	5508 Linhas para costurar, de fibras sintéticas ou artificiais descontinuas mesmo acondicionadas para venda a retalho
5509 Fios de fibras sintéticas descontinuas não acondicionados para venda a retalho	5510 Fios de fibras artificiais descontinuas não acondicionados para venda a retalho	5511 Fios de fibras sintéticas ou artificiais descontinuos acondicionados para venda a retalho	5512 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas que tenham pelo menos 85% dessas fibras
5513 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas com menos de 85% combinados com algodão com gramatura inferior a 170 g/m ²	5514 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas com menos de 85% combinados com algodão com gramatura superior a 170 g/m ²	5515 Outros tecidos de fibras sintéticas descontinuas	5516 Outros tecidos de fibras artificiais descontinuas

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.8 CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 56 a 60

Os capítulos 56 a 60 englobam os materiais têxteis especificados na figura 52,

com destaque para os tecidos de malha e os produtos confeccionados, além de feltros, não tecidos, tapetes, rendas, tecidos impregnados, etc.

Figura 52 – Capítulos 56 a 60

56	PASTAS (OUATES), FELTROS E FALSOS TECIDOS; FIOS ESPECIAIS; CORDÉIS, CORDAS E CABOS; ARTIGOS DE CORDOARIA
57	TAPETES E OUTROS REVESTIMENTOS PARA PISOS (PAVIMENTOS), DE MATÉRIAS TÊXTEIS
58	TECIDOS ESPECIAIS; TECIDOS TUFADOS; RENDAS; TAPEÇARIAS; PASSAMANARIAS; BORDADOS
59	TECIDOS IMPREGNADOS, REVESTIDOS, RECOBERTOS OU ESTRATIFICADOS; ARTIGOS PARA USOS TÉCNICOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS
60	TECIDOS DE MALHA

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.8.1 Capítulo 56 – Pastas (ouates), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria

As pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos, impregnados, revestidos ou recobertos de substâncias ou preparações como, por exemplo, perfumes ou cosméticos, sabões ou detergentes, pomadas, cremes ou preparações semelhantes, não devem ser consideradas nesse capítulo quando essas matérias têxteis sirvam apenas de suporte.

A figura 53 mostra as posições do capítulo 56.

Figura 53 – Posições do capítulo 56

5601 Pastas (ouates); fibras inferiores a 5 mm e bolotas de matérias têxteis	5602 Feltros, mesmo impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados	5603 Falsos tecidos, mesmo impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados
5604 Fios e cordas de borracha, recobertos de têxteis, laminas impregnados, revestidos, recobertos ou embainhados de borracha ou de plástico	5605 Fios metálicos e fios metalizados revestidos por enrolamento	5606 Fios revestidos por enrolamento e fios de crina revestidos por enrolamento; fios de chenille; fios de cadeia
5607 Cordéis, cordas e cabos, entrelaçados ou não, mesmo impregnados, revestidos, recobertos ou embainhados de borracha ou de plástico	5608 Redes de malhas com nós, obtidas a partir de cordéis, cordas ou cabos; redes de pesca	5609 Artigos de fios, laminas ou semelhantes, cordéis, cordas ou cabos não especificados em outras posições

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.8.2 Capítulo 57 – Tapetes e outros revestimentos para pisos (pavimentos), de matérias têxteis

Na concepção da NCM, entende-se por tapetes e outros revestimentos para pisos qualquer revestimento cuja superfície de matéria têxtil seja a superfície exposta ao uso (figura 54).

Figura 54 – Tapetes e revestimentos

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

O capítulo 57 não abrange as mantas espessas comumente chamadas de forração que se interpõem entre o piso e os tapetes e outros revestimentos para pisos, nem os linóleos e similares.

As posições do capítulo 57 estão mostradas na figura 55. São divididas em função do tipo de tapete.

Figura 55 – Posições do capítulo 57

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.8.3 Capítulo 58 – Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados

Esse capítulo engloba uma série de tecidos e construções têxteis especiais que, em função de sua complexidade serão abordados individualmente em cada posição (figura 56).

Figura 56 – Posições do capítulo 58

<p>5801</p> <p>Veludos e pelúcias, tecidos de froco (chenille) exceto da posição 5802 ou 5806</p>	<p>5802</p> <p>Tecidos atoalhados, exceto os artefatos da posição 57.06; tecidos tufados, exceto os artefatos da posição 57.03.</p>	<p>5803</p> <p>Tecidos em ponto gaze, exceto os artefatos da posição 5806</p>
<p>5804</p> <p>Tules, filós e tecidos de malhas com nós, rendas em peça, tiras ou motivos, exceto os produtos das posições 6002 a 6006</p>	<p>5805</p> <p>Tapeçarias tecidas à mão e feitas à agulha, mesmo confeccionadas</p>	<p>5806</p> <p>Fitas, exceto os artefatos da posição 5807; fitas sem trama, de fios ou fibras paralelizados e colados</p>
<p>5807</p> <p>Etiquetas, emblemas e artefatos semelhantes, de matérias têxteis, em peça, em fitas ou recortados em forma própria, não bordados</p>	<p>5808</p> <p>Entrançados em peça; artigos de passamanaria e artigos ornamentais análogos, em peça, não bordados, exceto os de malha; borlas, pompons e artefatos semelhantes</p>	<p>5809</p> <p>Tecidos de fios de metal e tecidos metálicos ou de fios têxteis metalizados da posição 5605 (vestuário e decoração)</p>
<p>5810</p> <p>Bordados em peça, tiras ou motivos</p>	<p>5811</p> <p>Artefatos de matelassê (peça), constituído por uma ou várias camadas de matérias primas associadas a uma matéria de enchimento, acolchoados (exceto da posição 5810)</p>	

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Não estão incluídos nesse capítulo os tecidos do Capítulo 59, impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados, nem outros artefatos do Capítulo 59.

2.8.4 Capítulo 59 – Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis

Esse capítulo inclui os tecidos que tenham sido impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados por plásticos, colas ou outros materiais passíveis de

serem utilizados para esse fim, além de têxteis para usos técnicos, conhecidos no mercado por têxteis técnicos.

Os têxteis técnicos são artigos feitos, em geral, a partir da tecnologia convencional (tecagem, não tecido e malharia), usando matérias primas diferenciadas e processos especiais de acabamento, que geram produtos que podem ser utilizados em diversas áreas onde o desempenho técnico específico e/ou uma determinada característica seja desejada.

A figura 57 mostra as posições desse capítulo.

Figura 57 – Posições do Capítulo 59

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

2.8.5 Capítulo 60 – Tecidos de malha

De acordo com a NESH (2008), o presente capítulo abrange os tecidos de malhas (não obtidos pelo processo de tecido plano de entrelaçamento de fios de urdidura e de trama) essencialmente produzidos por um dos processos de malha-trama ou malha-urdidura, conforme definidos por Spencer (2001):

- *Malha-trama* (malharia de trama): Cada fio forma laçadas que se entrelaçam com as laçadas do fio anterior percorrendo o tecido no sentido da largura (figura 58). As malhas são facilmente desmalháveis.

Figura 58 – Malha-trama

Fonte: Vasconcelos, 2015

A malharia de trama se divide em três tipos de máquinas principais:

- Máquinas circulares de grande diâmetro (26 a 38 polegadas): para produção de tecidos em rolo para confecção
 - Máquinas circulares de pequeno diâmetro (3 a 16 polegadas): para produção de meias e peças de vestuário sem costura
 - Máquinas retilíneas: para produção de peças de vestuário como pulovers, malhas de inverno, blusas, etc.
- *Malha-Urdidura* (malharia de urdume): Os fios de urdidura (urdume) formam laçadas que se entrelaçam com as laçadas uns dos outros e cada fio percorre o tecido no sentido do comprimento. As malhas são quase sempre indesmalháveis (figura 59).

Figura 59 – Malha-urdidura

Fonte: Vasconcelos, 2015

A malha de urdidura se divide em dois tipos de máquinas principais:

- Máquinas kettenstuhl: para produção de tecidos lisos para maio, lingerie, artigos esportivos, estofamento, etc.
- Máquinas raschel: tecidos desenhados e abertos para cortinas, rendas, redes, etc.

Segundo Araujo e Castro (1986), os tecidos de malha podem ser de fabricação manual ou mecânica. No caso de fabricação manual, utilizam-se duas ou mais agulhas de tricotar ou, em alguns casos, uma só agulha

O capítulo 60 compreende os tecidos de malha planos ou tubulares, em peças ou simplesmente cortados de forma quadrada ou retangular. Todos esses tecidos podem apresentar-se tingidos, estampados ou fabricados com fios de diversas cores.

A figura 60 mostra as posições do capítulo 60.

Figura 60 – Posições do capítulo 60

60.01 veludos e pelúcias	60.02 Largura até 30 cm com 5% ou mais de elastano
60.03 Largura até 30 cm exceto 60.01 e 60.02	60.04 Largura superior a 30 cm com 5% ou mais de elastano
60.05 Malha-urdidura exceto 60.01 a 60.04	60.06 Outros

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

De acordo com a NESH (2008), não se enquadram nesse capítulo:

- Os produtos obtidos por costura por entrelaçamento a partir de uma manta de fibras têxteis utilizando-se as fibras da própria manta (posição 56.02).
- As redes da posição 56.08.
- Os tapetes de malha (posição 57.05)
- Os tecidos de malha com nós e as rendas de crochê (posição 58.04).
- Os retalhos de tecidos de malha cortados de forma quadrada ou retangular que tenham sofrido qualquer obra suplementar (debruados ou embainhados, por exemplo).

2.8.5.1 Posição 60.05 – Tecidos de malha-urdidura (incluindo os fabricados em teares para galões), exceto os das posições 60.01 a 60.04.

Com exclusão dos veludos, pelúcias e tecidos atalhados (posição 60.01), a presente posição compreende todos os tecidos de malha-urdidura de largura superior a 30 cm, que não contenham nem fios de elastômeros nem fios de borracha, ou contendo menos de 5%, em peso, de tais fios.

Segundo a interpretação da NESH, os tecidos de malha-urdidura obtidos em teares Raschel, imitando o aspecto de tules ou de rendas não devem ser confundidos

com estes. São considerados como *imitações* de renda em malha (figura 61), muitas vezes fabricadas em peças de largura determinada, que se cortam em tiras quando dos trabalhos de acabamento. Essas tiras, de comprimento indeterminado, são classificadas nesta posição se suas bordas forem paralelas e retilíneas e que sua largura for superior a 30 cm.

Figura 61 – Imitação de renda em malha-urdidura raschel

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

2.8.5.2 Posição 60.06 – Outros tecidos de malha

Essa posição compreende os tecidos de malha que não estejam incluídos nas posições anteriores (figura 62). Engloba especialmente os tecidos de malha-trama e os tecidos de crochê manual de largura superior a 30 cm, que não contenham nem fios de elastômeros nem fios de borracha, ou contendo menos de 5%, em peso de tais fios.

Figura 62 – Outros tecidos de malha – posição 60.06

Fonte: Fabio Campos Fatalla a partir de imagens diversas, 2016

2.9 CLASSIFICAÇÃO DOS TÊXTEIS NOS CAPÍTULOS 61 a 63

Os capítulos 61, 62 e 63 englobam os materiais têxteis confeccionados. Para efeito de classificação, entende-se como confeccionados:

- Os artefatos cortados em forma diferente da quadrada ou retangular;
- Os artefatos obtidos já acabados e prontos para serem usados ou podendo ser utilizados depois de separados mediante simples corte dos fios não entrelaçados, sem costura nem outro trabalho complementar.
- Os artefatos cortados nas dimensões próprias em que pelo menos um lado tenha sido termosselado.
- Os artefatos cujas orlas tenham sido quer embainhadas por qualquer processo.
- Os artefatos reunidos por costura, colagem ou por qualquer outro processo.
- Os artefatos de malha obtidos em forma própria, independente de se apresentarem em unidades, ou em peças compreendendo várias unidades.

A figura 63 mostra a divisão dos capítulos 61, 62 e 63 conforme o tipo de artigo:

Figura 63 – Capítulos 61, 62 e 63

61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA
62	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, EXCETO DE MALHA
63	OUTROS ARTEFATOS TÊXTEIS CONFECCIONADOS; SORTIDOS; ARTEFATOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS, CALÇADOS, CHAPÉUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE, USADOS; TRAPÓS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

Os capítulos 61 e 62 englobam os têxteis confeccionados para vestuário e seus acessórios. Algumas definições aplicam-se aos dois capítulos:

- Vestuário masculino e feminino: De acordo com o especificado na NESH são considerados vestuários masculino e feminino:
 - O vestuário que se feche na frente da esquerda para a direita é considerado vestuário de uso masculino.
 - O vestuário que se feche na frente da direita para a esquerda é considerado vestuário de uso feminino.

- O vestuário que não seja reconhecível como vestuário de uso masculino ou vestuário de uso feminino deve ser classificado como vestuário de uso feminino.

Estas disposições não se aplicam nos casos em que o corte do vestuário indique claramente que é concebido para um ou outro sexo.

- Ternos e tailleurs: Entende-se por “ternos (fatos)” e “tailleurs (fatos de saia-casaco)”, os conjuntos de duas ou três peças de vestuário, confeccionados na sua face exterior, com tecido com a mesma estrutura, a mesma cor e a mesma composição, formados por:
 - Um paletó (casaco) concebido para cobrir a parte superior do corpo, cuja face exterior podendo ser acompanhado de um colete cuja parte da frente seja confeccionada com o mesmo tecido que o da face exterior dos outros componentes do conjunto e cuja parte de trás seja confeccionada com o mesmo tecido que o do forro do paletó (casaco);
 - Uma peça concebida para cobrir a parte inferior do corpo, podendo ser uma calça, uma bermuda (calça curta*), um short (calção) (exceto de banho), uma saia ou saia calça, sem alças nem peitilho.

O termo “ternos” abrange também os trajes de cerimônia ou de noite como o fraque, a casaca e o smoking, mesmo que não sejam satisfeitas todas as condições precedentes.

2.9.1 Capítulo 61 – vestuário e seus acessórios, de malha

Esse capítulo compreende os artefatos confeccionados apenas de malha. Inclui o vestuário e seus acessórios, ou seja, os artefatos de uso masculino ou feminino e os acessórios que sirvam para guarnecer-los ou completa-los. Também se incluem neste Capítulo as partes de malha, de vestuário ou de seus acessórios. No entanto, não inclui os sutiãs, cintas, espartilhos, suspensórios, ligas e artefatos semelhantes, mesmo que produzidos em malha os quais são incluídos na posição 62.12.

Os artigos incluídos neste capítulo podem conter partes e acessórios de tecido, plástico, couro, peleteria (peles com pelo), metal, penas, etc.

O vestuário que tenha na parte frontal uma abertura cujas duas partes se fechem da esquerda para a direita é considerado como vestuário de uso masculino enquanto

aqueles na qual a abertura se fecha da direita para esquerda é considerado como de uso feminino, com exceção dos casos em que o corte do vestuário indique claramente que é concebido para um ou outro sexo. O vestuário que não seja reconhecível como vestuário de uso masculino nem vestuário de uso feminino deve ser classificado como vestuário de uso feminino.

As posições desse Capítulo estão mostradas na figura 64.

Figura 64 – Posições do capítulo 61

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

2.9.2 Capítulo 62 – vestuário e seus acessórios exceto malha

O capítulo 62 compreende:

- Artigos confeccionados com qualquer tecido dos capítulos 50 a 55, 58 e 59
- Artigos confeccionados de feltro ou de "falsos tecidos".
- Abrange também, excepcionalmente, na posição 62.12, certos artefatos de malha.

As posições desse capítulo estão mostradas na figura 65.

Figura 65 – Posições do capítulo 62

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

2.9.3 Capítulo 63 – Outros Artefatos Têxteis Confeccionados; Sortidos; Artefatos de Matérias Têxteis, Calçados, Chapéus e Artefatos de uso semelhante, usados; Trapos

Esse capítulo compreende outros artefatos confeccionados que não se enquadram nos capítulos 61 e 62. As posições desse capítulo estão mostradas na figura 66.

Figura 66 – Posições do capítulo 63

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

2.10 ATO DECLARATÓRIO EXECUTIVO (ADE) COANA 22

O ADE COANA 22 (2005) é um ato declaratório que dispõe sobre a descrição de fios e tecidos classificados nos capítulos 50 a 60 da Nomenclatura Comum do Mercosul.

Ele define as informações que deverão constar na descrição detalhada de fios e tecidos e contém os parâmetros necessários para a classificação do material sendo fundamental para sua correta realização. Essas informações são:

2.10.1 Informações restritas aos fios:

I - Quanto à natureza da matéria-

prima 1 - Natural

1.1 - Vegetais

1.1.1 - Algodão

1.1.2 - Linho

1.1.3 - Rami

1.1.4 - Juta

1.1.5 - Outras (especificar)

1.2 - Animais

1.2.1 - Lã

1.2.2 - Seda

1.2.3 - Outras (especificar)

2 - Química

2.1 - Artificiais

2.1.1 - Raiom viscose

2.1.2 - Acetato

2.1.3 - Modal

2.1.4 - Lyocel

2.1.5 - Cupro

2.1.6 - Outras (especificar)

2.2 - Sintéticas

2.2.1 - Poliéster

2.2.2 - Poliamida

2.2.3 - Acrílico

2.2.4 - Elastano

2.2.5 - Polipropileno

2.2.6 - Outras (especificar) 3 -

Composição

Especificar a composição percentual do fio, mencionando a % em peso, de cada um dos seus constituintes, segundo a natureza da matéria-prima (subitens 1 e 2 anteriores).

II - Quanto ao processo de fabricação 1 -

Fio de fibra descontínua

1.1 - Fio cardado

1.1.1 - Ring

1.1.2 - Open-End

1.2 - Fio penteado

1.3 - Outros (especificar)

2 - Fio monofilamento ou multifilamento contínuo

2.1 - Fio parcialmente orientado

2.2 - Fio texturizado

2.3 - Fio liso

2.4 - Fio elastomérico

2.5 - Fio de alta tenacidade

2.6 - Outros (especificar) III -

Quanto à torção

1 - Fio simples (singelo)

2 - Fio retorcido ou retorcido múltiplo IV

- Quanto ao beneficiamento

1 - Fio cru 2 -

Fio tinto

3 - Fio branqueado 4 -

Fio fantasia

5 - Outros (especificar)

V - Quanto à forma de acondicionamento 1 -

Bobina

2 - Cone

3 - Cops

4 - Outras (especificar)

IV - Quanto a outras informações

1 - Título (em dTex)

2 - Tenacidade (se aplicável) (em cN/Tex)

3 - Número de torções (voltas/metro)

2.10.2 Informações restritas aos tecidos:

I - Quanto à estrutura do

tecido 1 - Tecido

plano

2 - Tecido de malha

2.1 Malha de trama

2.1.1 - Circular

2.1.2 - Retilínea

2.2 Malha de

urdume 3 - Tecido

felpudo

4 - Falso tecido

5 - Tecidos especiais (veludos, pelúcia, chenille, tufados, rendas, tapeçarias, passamanarias e bordados)

6 - Outros (especificar)

II - Quanto à natureza da matéria-

prima 1 - Natural

1.1 - Vegetais

1.1.1 - Algodão

1.1.2 - Linho

1.1.3 - Rami

1.1.4 - Juta

1.1.5 - Outras (especificar)

1.2 - Animais

1.2.1 - Lã

1.2.2 - Seda

1.2.3 - Outras (especificar)

2 - Química

2.1 - Artificiais

2.1.1 - Raiom viscose

2.1.2 - Acetato

2.1.3 - Modal

2.1.4 - Liocel

2.1.5 - Cupro

2.1.6 - Outras (especificar)

2.2 - Sintéticas

2.2.1 - Poliéster

2.2.2 - Poliamida

2.2.3 - Acrílico

2.2.4 - Elastano

2.2.5 - Polipropileno

2.2.6 - Outras (especificar) 3 -

Composição

Especificar a composição percentual do tecido, mencionando a % em peso, de cada um dos seus constituintes, segundo a natureza da matéria-prima (subitens 1 e 2 anteriores).

III - Quanto ao tipo de ligamento dos fios 1 -

Tela

2 - Sarja

3 - Cetim

4 - Outros (especificar) IV -

Quanto ao beneficiamento

1 - Tecido cru 2 -

Tecido tinto

3 - Tecido branqueado

4 - Tecido de fios de diversas cores 5 -

Tecido estampado

6 - Outros (especificar)

IV - Quanto a outras informações 1 -

Título dos fios (em Dtex) 2 -

Largura do tecido

3 - Gramatura do tecido (g/m²)

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para esse estudo a metodologia proposta para a classificação de mercadorias têxteis na NCM consiste em 4 passos:

1º passo:

Desvendar a mercadoria a ser classificada, identificando:

- No que consiste a mercadoria;
- Qual sua função principal;
- Material constitutivo (%);
- Aplicação, uso ou emprego;
- Nome comercial, técnico, científico, vulgar, marca registrada...
- Forma ou apresentação;
- Se possui acessórios, opcionais, etc.

2º passo:

Aplicar as regras de Interpretação do Sistema Harmonizado:

- Lembrando que as regras devem ser aplicadas na ordem sequencial, sendo que só se deve passar para a próxima regra, se não for possível a classificação pela regra presente.
- Como a classificação se dá, pelo texto da posição e notas de seção e capítulo, é IMPRESCINDÍVEL ler todas as notas de seção e capítulos, antes de iniciar a classificação.
- Sempre que não for possível classificar pela aplicação das Regras, recorrer às Normas Explicativas do Sistema Harmonizado (NESH).

3º passo:

Enquadrar sistematicamente a mercadoria na seção, capítulo, posição, subposição de primeiro e segundo nível, item e subitem. Sempre nessa sequência.

Verificar os pontos chaves de diferenciação contidos na descrição dos capítulos, posições, subposições, itens e subitens da NCM (figura 67).

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

- Construir um fluxograma lógico de decisão baseado nos pontos chaves levantados e nas regras de classificação.
- Analisar e descrever os produtos a serem classificados de acordo com a ADE COANA 22, focando especialmente esses pontos chaves.
- Submeter o material ao fluxo de decisão e determinar sua classificação.

4º passo:

Por fim, após determinar a classificação da mercadoria, tão importante quanto a classificação é a descrição da mercadoria de forma a evidenciar a classificação fiscal adotada.

Dada a grande quantidade de classificações foram escolhidos alguns produtos típicos para exemplificar a aplicação da metodologia proposta. Esses produtos são:

- Fio 100 % algodão
- Tecido plano algodão/poliéster/viscose
- Tecido de malha por urdume poliamida/elastano
- Vestido de tecido plano algodão

Dessa forma foram construídos fluxos de decisão com foco nos

produtos utilizados como exemplo.

3.1 DISTINÇÃO ENTRE OS CAPÍTULOS 50 A 55 E 56 A 63

Existe uma distinção de enfoque entre os capítulos 50 a 55 e 56 a 63. Nos capítulos 50 a 55 os produtos têxteis são agrupados conforme as matérias que os constituem (figura 68). Cada um deles trata de uma ou de várias matérias têxteis, puras ou misturadas entre si, nas diferentes fases de manufatura até a sua transformação em tecidos.

Compreende principalmente:

- Fibras
- Resíduos de fibras
- Fios
- Tecidos planos comuns

Figura 68 – Capítulos 50 a 55

50	SEDA
51	LÃ, PELOS FINOS OU GROSSEIROS; FIOS E TECIDOS DE CRINA
52	ALGODÃO
53	OUTRAS FIBRAS TÊXTEIS VEGETAIS; FIOS DE PAPEL E TECIDOS DE FIOS DE PAPEL
54	FILAMENTOS SINTÉTICOS OU ARTIFICIAIS; LÂMINAS E FORMAS SEMELHANTES DE MATÉRIAS TÊXTEIS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS
55	FIBRAS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS, DESCONTÍNUAS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Por outro lado, os capítulos 56 a 63 englobam os materiais têxteis conforme o tipo de produto/aplicação, com destaque para os tecidos de malha e os produtos confeccionados, além de feltros, não tecidos, tapetes, rendas, tecidos impregnados, etc., de acordo com o especificado na figura 69.

Figura 69 – Capítulos 56 a 63

56	PASTAS (OUATES), FELTROS E FALSOS TECIDOS; FIOS ESPECIAIS; CORDÉIS, CORDAS E CABOS; ARTIGOS DE CORDOARIA
57	TAPETES E OUTROS REVESTIMENTOS PARA PISOS (PAVIMENTOS), DE MATÉRIAS TÊXTEIS
58	TECIDOS ESPECIAIS; TECIDOS TUFADOS; RENDAS; TAPEÇARIAS; PASSAMANARIAS; BORDADOS
59	TECIDOS IMPREGNADOS, REVESTIDOS, RECOBERTOS OU ESTRATIFICADOS; ARTIGOS PARA USOS TÉCNICOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS
60	TECIDOS DE MALHA
61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA
62	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, EXCETO DE MALHA
63	OUTROS ARTEFATOS TÊXTEIS CONFECCIONADOS; SORTIDOS; ARTEFATOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS, CALÇADOS, CHAPÉUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE, USADOS; TRAPÓS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Dessa forma um primeiro ponto chave de diferenciação consiste em verificar se o material é composto de fibras, resíduos de fibras, fios ou tecidos planos (capítulos 50 a 55) ou não (capítulos 56 a 63), conforme mostrado na figura 70.

Figura 70 – Fluxograma 1

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.2 CAPÍTULOS 50 A 55

Conforme já mostrado na figura 68, os capítulos 50 a 55 são divididos função do tipo de fibra. Assim o novo ponto chave de diferenciação é o tipo de fibra. Pode ser feita uma primeira distinção entre naturais e artificiais / sintéticas. Entre as fibras naturais, deve-se separa-las em animais (seda – 50 e lã – 51) e vegetais (algodão – 52 e outras vegetais - 53). Entre as artificiais / sintéticas a separação é entre filamentos (54) e fibras descontinuas (55). Essa análise está mostrada no fluxograma da figura 71.

Figura 71 – Fluxograma 2

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.2.1 Fios de algodão

Os artigos de algodão do capítulo 52 são divididos nas posições mostradas na figura 72.

Analisando as posições é possível verificar um primeiro ponto chave de diferenciação ou seja o tipo de material têxtil:

- Fibras
- Fios
- Tecidos

Essa interpretação está mostrada no fluxo da figura 73.

Figura 72 – Posições do capítulo 52

5201 Algodão nem cardado nem penteado	5202 Desperdícios de algodão	5203 Algodão cardado ou penteado
5204 Linhas para costurar	5205 Fios de algodão (mínimo 85%)	5206 Fios de algodão (menos de 85%) não acondicionado para venda a retalho
5207 Fios de algodão para venda a retalho	5208 Tecidos de algodão (mínimo 85%) gramatura inferior a 200 g/m ²	5209 Tecidos de algodão (mínimo 85%) gramatura superior a 200 g/m ²
5210 Tecidos de algodão (menos de 85%) com fibras sintéticas ou artificiais, gramatura inferior a 200 g/m ²	5211 Tecidos de algodão (menos de 85%) com fibras sintéticas ou artificiais, gramatura superior a 200 g/m ²	5212 Outros tecidos de Algodão

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Figura 73 – Fluxograma de posições do capítulo 52 (1)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

No caso dos fios de algodão, o próximo grupo de pontos chaves inclui:

- Linhas para costura
- Fios de algodão
 - mínimo 85% de algodão
 - menos de 85% de algodão
- Fios de algodão acondicionado para venda a retalho

A figura 63 mostra esses pontos chaves incluídos no fluxograma.

Figura 74 – Fluxograma de posições para fios de algodão (2)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.2.1.1 Subposições para fios com mínimo de 85% de algodão

A posição 5205, considera dois níveis de pontos chave na definição das subposições. O primeiro nível leva em conta o número de cabos (simples ou retorcido) e o tipo de processo cardado (não penteado) ou penteado:

- Fios simples
 - Fibras não penteadas
 - Fibras penteadas
- Fios retorcidos
 - Fibras não penteadas
 - Fibras penteadas

Esses pontos estão abordados no fluxograma da figura 75

Figura 75 – Fluxograma de subposições para fios de algodão – nível 1

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

O segundo nível de subposição refere-se ao título do fio. No caso de fio de algodão retorcido não penteado as classificações são (figura 64):

- De título igual ou superior a 714,29 decitex por fio simples
- De título inferior a 714,29 decitex mas não inferior a 232,56 decitex, por fio

simples

- De título inferior a 232,56 decitex mas não inferior a 192,31 decitex, por fio simples
- De título inferior a 192,31 decitex mas não inferior a 125 decitex, por fio simples
- De título inferior a 125 decitex por fio simples

Como essa classificação específica não possui itens ou subitens, todos apresentam final 00.

Figura 76 – Fluxograma de subposições para fios de algodão – nível 2

Fonte: Fabio Campos Fatalla

3.2.1.2 Pontos chaves para fios de algodão – resumo:

- Tipo de acondicionamento (linha de costura, venda a retalho ou fio normal)
- Porcentagem de algodão
- Número de cabos (simples ou retorcido)
- Processo fiação (penteado ou não)
- Título do fio

3.2.2 Tecido de fibras sintéticas descontinuas tinto

Nesse caso trata-se de um tecido com predominância de fibras sintéticas, que reporta ao capítulo 55 cujas posições estão mostradas na figura 77.

Figura 77 – Posições do capítulo 55

5501 Cabos de filamentos sintéticos	5502 Cabos de filamentos artificiais	5503 Fibras sintéticas descontinuas, não cardadas, não penteadas	5504 Fibras artificiais descontinuas, não cardadas, não penteadas
5505 Desperdícios de fibras sintéticas ou artificiais	5506 Fibras sintéticas descontinuas, cardadas, penteadas	5507 Fibras artificiais descontinuas cardadas penteadas	5508 Linhas para costurar, de fibras sintéticas ou artificiais descontinuas mesmo acondicionadas para venda a retalho
5509 Fios de fibras sintéticas descontinuas não acondicionados para venda a retalho	5510 Fios de fibras artificiais descontinuas não acondicionados para venda a retalho	5511 Fios de fibras sintéticas ou artificiais descontinuos acondicionados para venda a retalho	5512 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas que tenham pelo menos 85% dessas fibras
5513 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas com menos de 85% combinados com algodão com gramatura inferior a 170 g/m ²	5514 Tecidos de fibras sintéticas descontinuas com menos de 85% combinados com algodão com gramatura superior a 170 g/m ²	5515 Outros tecidos de fibras sintéticas descontinuas	5516 Outros tecidos de fibras artificiais descontinuas

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

No capítulo 55 o primeiro ponto chave a ser considerado é o tipo de material dividido conforme segue:

- Cabo de filamentos
- Fibras

- Fios
- Tecidos

O fluxograma da figura 78 mostra essa interpretação:

Figura 78 – Fluxograma de posições do capítulo 55

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

No caso do tecido em análise, o próximo grupo de pontos chaves inclui:

- Mínimo de 85 % de fibras sintéticas descontínuas
- Menos de 85% de fibras sintéticas descontínuas combinadas com algodão
 - Gramatura menor que 170 g/m²
 - Gramatura maior que 170 g/m²
- Outros tecidos
 - Sintéticos
 - Artificiais

Essa decisão está esquematizada no fluxograma da figura 79:

Figura 79 – Fluxograma das posições 5513 a 5516

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Para definição do primeiro dígito da subposição, considera-se o beneficiamento do tecido:

- Cru ou branqueado
- Tinto
- De fios de diversas cores
- Estampado

O fluxograma da figura 80 considera essa classificação:

Figura 80 – Fluxograma para definição do primeiro dígito de subposição para a posição 5514

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Finalmente para obtenção do segundo dígito da subposição deve-se considerar o ligamento e o tipo de fibra sintética (poliéster ou outra) como exemplificado no fluxograma da figura 81 a seguir. Como essa posição não apresenta itens ou subitens, todos apresentam final 00.

Figura 81 – Fluxograma para definição do segundo dígito de subposição para a posição 5514

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.2.2.1 Pontos chaves para tecido de fibra sintética descontinua – resumo:

- Apresentação: cabo, fibra, fio ou tecido
- Porcentagem da fibra predominante e gramatura
- % de material e combinação com outras fibras
- Tipo de beneficiamento
- Tipo de fibra (poliéster)
- ligamento

3.3 CAPÍTULOS 56 A 60

3.3.1 Malha de urdume poliamida / elastano

Nesse caso trata-se de tecido de malha que necessita esclarecer alguns pontos chaves iniciais para correta definição do capítulo em que se enquadra:

- Se é um produto confeccionado
- Se é renda de crochê, etiqueta, emblema ou semelhante
- Se é veludo, pelúcia ou atoadado de malha
- Se é tecido impregnado, revestido ou recoberto

As definições para esclarecimentos desse ponto estão mostradas no fluxograma da figura 82.

A malha de urdume em questão enquadra-se no capítulo 60 cujas posições estão mostradas na figura 83.

Analisando as posições do capítulo 60 chega-se aos seguintes pontos chaves:

- Veludo, pelúcia ou atoadado
- Largura
- Porcentagem de elastano
- Malha urdidura

Figura 82 – Posições do capítulo 60

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

A malha de urdume em questão enquadra-se no capítulo 60 cujas posições estão mostradas na figura 83.

Figura 83 – Posições do capítulo 60

60.01 veludos e pelúcias	60.02 Largura até 30 cm com 5% ou mais de elastano
60.03 Largura até 30 cm exceto 60.01 e 60.02	60.04 Largura superior a 30 cm com 5% ou mais de elastano
60.05 Malha-urdidura exceto 60.01 a 60.04	60.06 Outros

Fonte: Fabio Campos Fatalla com dados da NESH, 2016

Analisando as posições do capítulo 60 chega-se aos primeiros pontos chave:

- Veludo, pelucia ou atoalhado
- Largura
- Porcentagem de elastano
- Malha urdidura

O fluxograma da figura 84 mostra a definição desses fatores:

Figura 84 – fluxograma de posições do capítulo 60

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Na posição 6004 onde se enquadra o produto usado como exemplo o ponto chave para definição da subposição é:

- O tecido contém fios de borracha?

A análise desse ponto chave está mostrada no fluxo da figura 85:

Figura 85 – fluxograma de posições do capítulo 60

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Para definição do item, o proximo ponto chave é:

- Materia prima predominante

Essa análise está mostrada no fluxograma da figura 86.

Finalmente, para definição do sub item leva-se em consideração o tipo de beneficiamento:

- Cru ou branqueado
- Tinto
- De fios de diversas cores
- Estampado

Essa análise está mostrada no fluxograma da figura 87.

Figura 86 – fluxograma de itens da subposição 6004.10

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 87 – fluxograma de itens da subposição 6004.10

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.4 CAPÍTULOS 61 A 63

3.4.1 Vestido de tecido plano em algodão

Os capítulos 61 a 63 envolvem produtos confeccionados, conforme mostrado na figura 88.

Figura 88 – capítulos 61 a 63

61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA
62	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, EXCETO DE MALHA
63	OUTROS ARTEFATOS TÊXTEIS CONFECCIONADOS; SORTIDOS; ARTEFATOS DE MATÉRIAS TÊXTEIS, CALÇADOS, CHAPÉUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE, USADOS; TRAPOS

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

Para definição do capítulo, alguns pontos chaves são inicialmente necessários:

- Se o material é de malha
 - Se é sutiã, cinta, espartilho, liga, suspensório ou semelhante
- Se é vestuário
- Se é produto usado ou trapo

O fluxograma da figura 89 mostra essas definições.

O produto tomado como exemplo (vestido) está alocado no capítulo 62. As posições do capítulo 62 estão mostradas na figura 90. Analisando essas posições é possível verificar os pontos chaves para sua definição.

Num primeiro grupo define-se:

- Se é vestuário de bebê
- Se é produto confeccionado com feltro ou falso tecido
- Se é produto confeccionado com tecidos impregnados ou revestidos

Num segundo grupo define-se:

- Se é algum tipo de acessório
- Se é algum vestuário específico: esporte, banho, etc. ou lingerie, modeladores, etc.
- Se é vestuário masculino ou feminino.

Figura 89 – fluxograma para os capítulos 61 a 63

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 90 – posições do capítulo 62

Fonte: Fabio Campos Fatalla com base na NESH, 2016

O Fluxograma da figura 91 mostra a primeira fase da definição da posição. Considerando que o produto em análise é vestuário feminino (vestido), numa segunda fase (fluxograma da figura 92) é necessário definir o próximo ponto chave para classificação da posição:

- Grupo de tipo de peças afins

Para definir o primeiro dígito da subposição o próximo ponto chave é:

- Tipo de peça dentro do grupo

Essa definição está esquematizada no fluxograma da figura 93.

Finalmente o segundo dígito da subposição baseia-se no último ponto chave:

- Matéria prima predominante

Essa definição está esquematizada no fluxograma da figura 94.

Essa posição não considera itens e subitens, portanto os dois últimos dígitos da classificação são: 00.

Figura 91 – Posições do capítulo 62 (1)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 92 – Posições do capítulo 62 (2)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 93 – Subposições da posição 6204 (1º dígito)

Figura 94 – Subposições da posição 6204 (2º dígito)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

3.4.1.1 Pontos chaves para vestido de algodão – resumo:

- Produzido com material especial: feltro ou falso tecido, tecido impregnado ou revestido?
- Roupa de bebê?
- Acessorio de vestuário?
- Vestuário específico: roupa de esporte ou banho, lingerie ou modeladores?
- Vestuário masculino ou feminino?
- Grupo de tipos de peças afins
- Tipo de peça
- Matéria prima predominante
-

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os fluxogramas definidos no capítulo III – Materiais e métodos foram aplicados na classificação dos seguintes produtos:

- Fio 100 % algodão
- Tecido plano poliéster/viscose
- Tecido de malha por urdume poliamida/elastano
- Vestido de tecido plano 100 % algodão

4.1 FIO 100 % ALGODÃO

4.1.1 Descrição do material

O produto em análise trata-se fio 100 % algodão cru cardado OE retorcido a dois cabos de título Ne 20/2 em cones.

4.1.2 ADE COANA 22:

I - Quanto à natureza da matéria-

prima 1 - Natural

1.1 - Vegetais

1.1.1 - Algodão

1.1.2 - Linho

1.1.3 - Rami

1.1.4 - Juta

1.1.5 - Outras (especificar)

3 - Composição: 100% algodão

II - Quanto ao processo de

fabricação 1 - Fio de fibra

descontínua

1.1 - Fio cardado

1.1.1 – Filatório de Anéis

1.1.2 – Filatório a rotor

III - Quanto à torção

1 - Fio simples (singelo)

2 - Fio retorcido ou retorcido múltiplo

IV - Quanto ao beneficiamento

1 - Fio cru

2 - Fio tinto

3 - Fio branqueado

4 - Fio fantasia

5 - Outros (especificar)

V - Quanto à forma de

acondicionamento 1 - Bobina

2 - Cone

3 - Cops

4 - Outras (especificar)

IV - Quanto a outras informações

1 - Título (em dTex): 301,2 dTex por cabo (602,4 dTex total)

2 - Tenacidade (se aplicável) (em cN/Tex)

3 - Número de torções (voltas/metro)

4.1.3 Fluxogramas

4.1.3.1 Fluxograma 1 – grupo de capítulos

Como se trata de fio, segundo o fluxo, o produto deve ser classificado nos capítulos 50 a 55 (figura 95):

Figura 95 –classificação de fio de algodão – grupo de capítulos

4.1.3.2 Fluxograma 2 – capítulo

Como a matéria prima é natural, vegetal, predominantemente algodão, de acordo com o fluxograma da figura 96, devemos classifica-la no capítulo 52 – Algodão.

Figura 96 –classificação de fio de algodão – capítulo

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.1.3.3 Fluxograma 3 – posição (1)

Como se trata de fio, conforme o fluxograma da figura 97, o produto deve ser classificado nas posições 5204 a 5207.

Figura 97 –classificação de fio de algodão – posição (1)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.1.3.4 Fluxograma 4 – posição (2)

Como não se trata de linha de costura e o fio está acondicionado em cones e não para venda a retalho e contém 85% ou mais de algodão (100%), de acordo com o fluxograma (figura 98) chega-se à posição 5205.

Figura 98 – Classificação de fio de algodão – posição (2)

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.1.3.5 Fluxograma 5 – subposição nível 1

Como não se trata de fio retorcido (2 cabos) não penteado, de acordo com o fluxograma (figura 99) chega-se ao primeiro nível da subposição: 5205.3.

Figura 99 – Classificação de fio de algodão – subposição nível 1

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.1.3.6 Fluxograma 6 – subposição nível 2

Como o título do fio é de 301,2 dtex por cabo está entre 232,56 e 714,29, de acordo com o fluxograma (figura 100) e, considerando que essa subposição não possui itens e subitens, chega-se ao segundo nível da subposição e à classificação final do artigo: 5205.32.00.

Figura 100 – Classificação de fio de algodão – subposição nível 2

Fonte: Fabio Campos Fatalla,
2016

4.2 TECIDO PLANO POLIÉSTER/ALGODÃO

4.2.1 Descrição do material

O produto em análise trata-se de tecido plano tinto com 45% CO, 37% PES e 18% CV em ligamento tela com urdume de fio tinto 100% CO Ne 24/1 e trama PES / CV 67/33 % Ne 20/1 cru.

4.2.2 ADE COANA 22:

I - Quanto à estrutura do

tecido 1 - **Tecido plano**

2 - Tecido de malha

2.1 Malha de trama

2.1.1 - Circular

2.1.2 - Retilínea

2.2 Malha de urdume

3 - Tecido felpudo

4 - Falso tecido

5 - Tecidos especiais (veludos, pelúcia, chenille, tufados, rendas, tapeçarias, passamanarias e bordados)

6 - Outros (especificar)

II - Quanto à natureza da

matéria-prima 1 - Natural

1.1 - **Vegetais**

1.1.1 - **Algodão**

1.1.2 - Linho

1.1.3 - Rami

1.1.4 - Juta

1.1.5 - Outras (especificar)

1.2 - Animais

1.2.1 - Lã

1.2.2 - Seda

1.2.3 - Outras (especificar)

2 - **Química**

2.1 - **Artificiais**

2.1.1 - **Raiom viscose**

2.1.2 - Acetato

2.1.3 - Modal

2.1.4 - Liocel

2.1.5 - Cupro

2.1.6 - Outras (especificar)

2.2 - Sintéticas

2.2.1 - Poliéster

2.2.2 - Poliamida

2.2.3 - Acrílico

2.2.4 - Elastano

2.2.5 - Polipropileno

2.2.6 - Outras

(especificar) 3 - Composição

Urdume: 100% algodão, Ne 24/1

Trama: 67% poliéster e 33% viscose, Ne 20/1

Total: 45% algodão 37% poliéster e 18% viscose

III - Quanto ao tipo de ligamento dos

fios 1 - Tela

2 - Sarja

3 - Cetim

4 - Outros (especificar)

IV - Quanto ao beneficiamento

1 - Tecido

cru 2 -

Tecido tinto

3 - Tecido branqueado

4 - Tecido de fios de diversas

cores 5 - Tecido estampado

6 - Outros (especificar)

IV - Quanto a outras informações

1 - Título dos fios (em dtex): urdume: 24,6 dtex e trama: 29,5

dtex 2 - Largura do tecido: 1,65 m

3 - Gramatura do tecido (g/m²): 220 g/m²

4.2.3 Fluxogramas

4.2.3.1 Fluxograma 1 – grupo de capítulos

Como se trata de tecido plano, segundo o fluxo, o produto deve ser classificado nos capítulos 50 a 55 (figura 101):

Figura 101 – Classificação de tecido – grupo de capítulos

Fonte: Fabio Campos
Fatalla, 2016

4.2.3.2 Fluxograma 2 – capítulo

Na análise da matéria prima predominante a porcentagem de naturais (45%) é menor do que a soma das artificiais e sintéticas (55%). Nesse caso como essas são classificadas no mesmo capítulo devem ser tomadas em consideração conjuntamente. Em seguida, a matéria predominante é formada por fibras, portanto chega-se ao capítulo 55, conforme mostrado no fluxo da figura 102.

Figura 102 – Classificação de tecido – capítulo

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.2.3.3 Fluxograma 3 – grupo de posições

Conforme mostrado no fluxo da figura 103, como o produto trata-se de tecido, estará enquadrado nas posições 5513 a 5516.

Figura 103 – Classificação de tecido – grupo de posições

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.2.3.4 Fluxograma 4 – posição

Conforme mostrado no fluxo da figura 104, nesse caso tem-se em primeiro lugar que a porcentagem de fibras sintéticas descontínuas é menor do que 85% (37%). A seguir verifica-se que nos tecidos as fibras sintéticas estão combinadas com algodão. E a seguir, considerando que a gramatura (220 g/m²) é menor que 170 g/m², chega-se à posição 5514.

Figura 104 – Classificação de tecido – posição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.2.3.5 Fluxograma 5 – primeiro algarismo da subposição

Para definição do primeiro algarismo da subposição utiliza-se o fluxo da figura 105. Como trata-se de tecido tinto chega-se ao primeiro dígito da subposição: 5514.2.

Figura 105 – Classificação de tecido – primeiro algoritmo da subposição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.2.3.6 Fluxograma 6 – segundo algarismo da subposição

Finalmente, o segundo algarismo da subposição é definido em função do ligamento conforme mostrado no fluxo da figura 106. Neste caso como trata-se de tecido em ligamento tela, chega-se ao segundo dígito da subposição: 5514.21.

Nesse caso como não há itens e subitens o artigo é classificado como 5514.21.00.

Figura 106 – Classificação de tecido – segundo algarismo da subposição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.3 TECIDO DE MALHA POR URDUME POLIAMIDA/ELASTANO

4.3.1 Descrição do material

O produto em análise trata-se de tecido de malha por urdume estampado em poliamida / elastano com 140 g/m².

4.3.2 ADE COANA 22:

I - Quanto à estrutura do tecido

1 - Tecido plano

2 - Tecido de malha

2.1 Malha de trama

2.1.1 - Circular

2.1.2 - Retilínea

2.2 Malha de urdume

3 - Tecido felpudo

4 - Falso tecido

5 - Tecidos especiais (veludos, pelúcia, chenille, tufados, rendas, tapeçarias, passamanarias e bordados)

6 - Outros (especificar)

II - Quanto à natureza da matéria-prima

1 - Natural

1.1 - Vegetais

1.1.1 - Algodão

1.1.2 - Linho

1.1.3 - Rami

1.1.4 - Juta

1.1.5 - Outras (especificar)

1.2 - Animais

1.2.1 - Lã

1.2.2 - Seda

1.2.3 - Outras (especificar)

2 - Química

2.1 - Artificiais

2.1.1 - Raiom viscose

2.1.2 - Acetato

2.1.3 - Modal

2.1.4 - Liocel

2.1.5 - Cupro

2.1.6 - Outras (especificar)

2.2 - Sintéticas

2.2.1 - Poliéster

2.2.2 - Poliamida

2.2.3 - Acrílico

2.2.4 - Elastano

2.2.5 - Polipropileno

2.2.6 - Outras

(especificar) 3 - Composição

Poliamida: 85%

Elastano: 15%

III - Quanto ao tipo de ligamento dos

fios 1 - Tela

2 - Sarja

3 - Cetim

4 - Outros (especificar): charmeuse

IV - Quanto ao beneficiamento

1 - Tecido

cru 2 -

Tecido tinto

3 - Tecido branqueado

4 - Tecido de fios de diversas

cores 5 - Tecido estampado

6 - Outros (especificar)

IV - Quanto a outras informações

1 - Título dos fios (em dtex): Poliamida 44 dtex; Elastano: 44

dtex 2 - Largura do tecido: 1,80 m

3 - Gramatura do tecido (g/m²): 140 g/m²

4.3.3 Fluxogramas

4.3.3.1 Fluxograma 1 – capítulo

Inicialmente para determinação do capítulo recorre-se ao fluxograma 1 (figura 107). Neste caso, o produto em análise trata-se de tecido de malha por urdume, não é renda de crochet, etiqueta, emblema ou semelhante e também não é revestido ou recoberto. Portanto enquadra-se no capítulo 60.

Figura 107 – Classificação de malha de urdume – capítulo

4.3.3.2 Fluxograma 2 – posição

Para definição da posição utiliza-se o fluxo da figura 108, observando-se:

- Se o material é veludo, pelúcia ou atalhado
- A largura (maior ou menor que 30 cm)
- A porcentagem de elastano (menor ou maior que 5 %)

No caso do produto analisado trata-se de malha lisa, com largura 1,80 m (superior a 30 cm) e 15% de elastano (superior a 5%). Portanto será enquadrada na posição 6004.

Figura 108 – Classificação de malha de urdume – posição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.3.3.3 Fluxograma 3 – subposição

Para determinação da subposição, conforme mostrado no fluxo da figura 109, deve-se verificar se o tecido, além do elastano, contém fios de borracha. Nesse caso, o produto em análise não contém fios de borracha enquadrando-se, portanto na subposição 6004.10.

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.3.3.4 Fluxograma 4 – item

O dígito de item para esse tipo de produto leva em conta o tipo de matéria prima, conforme mostrado no fluxo da figura 110. No caso do produto analisado, com trata-se de matéria prima sintética (poliamida) chega-se ao item 6004.10.3.

Figura 110 – Classificação de malha de urdume – subposição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.3.3.5 Fluxograma 5 – subitem

Para definição do subitem considera-se o tipo de beneficiamento da malha (fluxo da figura 111). Nesse caso trata-se de malha estampada e, portanto, chega-se à classificação final: 6004.10.34.

Figura 111 – Classificação de malha de urdume – subposição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

4.4 VESTIDO DE TECIDO PLANO DE ALGODÃO

4.4.1 Descrição do material

O produto em análise trata-se de vestido de malha 100% algodão. No caso de confeccionados não se aplica o ADE COANA 22.

4.4.2 Fluxogramas

4.4.2.1 Fluxograma 1 – capítulo

Para determinação do capítulo utiliza-se o fluxograma 1 (figura 112). Neste caso, trata-se de produto confeccionado para vestuário, não é de malha e não é usado. Portanto enquadra-se no capítulo 62.

Figura 112 – Classificação de vestido de algodão – capítulo

4.4.2.2 Fluxograma 2 – grupo de posições

Para definição da posição utilizando o fluxo da figura 113, verifica-se inicialmente:

- Não utiliza falso tecido ou tecido impregnado ou revestido
- Não é vestuário de bebê
- Não é acessório de vestuário
- Não é abrigo esportivo, sunga, maio, etc.
- Não é sutiã, espartilho, liga, etc.
- Não é vestuário masculino

Nesse caso chega-se às posições possíveis: 6202, 6204, 6206, 6208.

4.4.2.3 Fluxograma 3 – posição

Para definição final da posição (fluxo 3 – figura 114) verifica-se o conjunto de peças de peça. Nesse caso está incluído na posição 6204: Tailleurs, conjuntos, blazers, vestidos, saias, saias-calças, calças, jardineiras, bermudas e shorts (calções) (exceto de banho), de uso feminino.

4.4.2.4 Fluxograma 4 – primeiro dígito da subposição

Utilizando o fluxo 4 (figura 115), define-se o primeiro dígito da subposição que considera o tipo de peça. Nesse caso, 6204.4 pois trata-se de vestido.

4.4.2.5 Fluxograma 5 – segundo dígito da subposição

O segundo dígito da subposição leva em conta a matéria prima predominante, conforme pode ser observado no fluxo da figura 116. Nesse caso a matéria prima predominante é algodão e, como essa classificação não tem itens ou subitens, chega-se à classificação final 6204.42.00.

Figura 113 – Classificação de vestido de algodão – grupo de posições

Figura 114 – Classificação de vestido de algodão – posição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 115 – Classificação de vestido de algodão – primeiro dígito da subposição

Fonte: Fabio Campos Fatalla, 2016

Figura 116 – Classificação de vestido de algodão – segundo dígito da subposição

5. CONCLUSÃO

Foram estudados os critérios para classificação de mercadorias e desenvolvida uma metodologia proposta para a classificação de mercadorias têxteis na NCM consiste em:

- Verificar e levantar os pontos chaves de diferenciação contidos na descrição dos produtos
- Analisar e descrever os produtos a serem classificados, focando especialmente esses pontos chaves, de acordo com o ADE COANA 22
- Construir fluxogramas lógicos de decisão baseado nos pontos chaves levantados e nas regras de classificação.
- Submeter o material ao fluxograma lógico de decisão e determinar sua classificação.

Essa metodologia foi aplicada em quatro produtos distintos

- Fio 100 % algodão
- Tecido plano algodão/poliéster/viscose
- Tecido de malha por urdume poliamida/elastano
- Vestido de tecido plano algodão

Observou-se que, em todos os casos, a metodologia permitiu a correta classificação do material sem dificuldades, desde que os pontos chaves estivessem corretamente caracterizados nos produtos.

Com isso demonstra-se que a metodologia pode ser difundida e empregada na classificação de materiais têxteis. O segredo para permitir uma correta classificação através da metodologia proposta está baseado em quatro pontos principais:

- Compreender os princípios da classificação fiscal de mercadorias e suas regras
- Compreender as características que são pontos focais nas classificações dos diversos materiais
- Estabelecer critérios de decisão nos fluxogramas baseados nessas características

- Analisar correta e exaustivamente os materiais a serem classificados no que diz respeito à essas características

Como sugestões para trabalhos futuros é possível citar o desenvolvimento de algoritmos computacionais e, conseqüentemente, softwares que permitam determinar a classificação fiscal de um produto baseado em *inputs* solicitados ao usuário. Essas informações seriam oriundas e da análise de caracterização dos materiais e baseadas naquelas características que são pontos chaves de diferenciação e decisão na análise da classificação.

REFERÊNCIAS

ADE COANA 22/05 - ADE - **Ato declaratório executivo coordenador geral do sistema aduaneiro** - COANA nº 22, DOU de 27.9.2005

ANTERO, S. A. **Articulação de políticas públicas a partir dos fóruns de competitividade setoriais: a experiência recente da cadeia produtiva têxtil e de confecções**. RAP. Rio de Janeiro, 2006.

ABNT NBR 12744/1992 - **Fibras têxteis – Classificação**, 1992

ARAÚJO, M., e CASTRO, E.M.M., **Manual de Engenharia Têxtil. Vol.1 e 2**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986.

BARBOSA, M. Z.; NOGUEIRA JÚNIOR, S. **Reestruturação da cadeia de produção de têxteis no Brasil e seus reflexos na cotonicultura**. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural – SOBER. Rio de Janeiro, 2000.

BIZELLI, J. S. **Classificação fiscal de mercadorias**, Aduaneiras, São Paulo, 2006

BROGINI, G. **Tributação e benefícios fiscais no comércio exterior**. 20ª edição. Curitiba: Editora Ibpex, 2008.

CAMPOS, M. J. C.; MOUTINHO, L. M. G. e CAMPOS, L. H. R. **Reestruturação Produtiva e Qualidade do Emprego Formal na Indústria Têxtil: um estudo comparativo entre as regiões Nordeste e Sul**. – Biblioteca SEBRAE, 2014.

CIESP; **Manual básico sobre nomenclatura e classificação de mercadorias**. 2007

COOK, J.G. **Handbook of Textile Fibres: Man-Made Fibres, Volume 1**. Woodhead Publishing. New York, 1984

COSTA NETO, P. L. e GUSMÃO, N. N. **Uma visão da qualidade na cadeia têxtil em empresas de pequeno e médio porte**. IV Congresso Nacional de Excelência em Gestão. 2008.

COUTINHO, L.; HIRATUKA, C. e SABBATINI, R. **O desafio da construção de uma inserção externa dinamizadora**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003

DALSTON, C. O. **Classificando Mercadorias: Uma abordagem didática da Ciência da Classificação de Mercadorias**. São Paulo: Lex Editora, 2005.

DULCI, O. S., Guerra Fiscal, desenvolvimento desigual e relações federativas no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Nº 18: 95-107, JUN 2002.

ELALI, A. **Incentivos fiscais, neutralidade da tributação e desenvolvimento econômico: a questão da redução das desigualdades regionais e sociais – SISNET – Aduaneiras**, 2013

FRANCISCHINI, A. S. N. e AZEVEDO, P. F. **Estratégias das empresas do setor calçadista diante do novo ambiente competitivo: análise de três casos**. G&P-Gestão e Produção, 2009.

GARCIA, R. **Uma Análise do processo de desconcentração regional nas indústrias têxtil e de calçados e a importância dos sistemas locais de produção**. Anais do XIII Encontro Regional de Economia da ANPEC e Fórum BNB de Desenvolvimento. 2001.

GORINI, A. P. F. **Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 12, 2000.

GORINI, A. P. F. e SIQUEIRA, S. H. G. **Complexo têxtil brasileiro**. AO1/GESET2, 2002.

GUILLÉN, J. G., **Microfibras**. Barcelona: UPC, 2001.

HAGUENAUER, L.; BAHIA, L. D.; CASTRO, P. F. e RIBEIRO, M. B. **Evolução das Cadeias Brasileira na Década de 90**. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2001.

IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial, Brasil Têxtil – **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, 2014

KELLER, P. F., Economia global e novas formas de organização na produção na cadeia têxtil – confecção. **Revista Universidade Rural**, Série. Ciências Humanas. Vol. 24, 2002.

KON, A. e COAN, D. C., Transformações na indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 3, n. 3, 2005.

LORD, P. R. **Handbook of yarn production**. Woodhead Publishing. Cambridge, 2003

MALUF, A e KOLBE, W., **Manual de dados técnicos para a Indústria Têxtil**, IPT, São Paulo, 2003

MARCOVITCH, J.; SBRAGIA, R.; STAL, E. e TERRA, J. C. C. Inovação tecnológica e incentivos fiscais. **Revista de Administração. São Paulo**, 1991.

MASSUDA, E. M. Transformações recentes da indústria têxtil brasileira (1992-1999). **Acta Scientiarum**. Maringá, 2002.

NESH – **Notas Explicativas do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias**. Instrução Normativa RFB nº 807. 2008

OLIVEIRA, F.R. **A complexa ciência da Classificação Fiscal de Mercadorias e o clássico exemplo do parafuso**. Thomson Reuters Global Resources. 2009

OLIVEIRA, M.H.; MEDEIROS, L. A. **Investimentos necessários para a modernização do Setor Têxtil**. BNDES Setorial. Rio de Janeiro: BNDES, n.3, 1996.

SEGAL, W. **AF Encyclopedia of Textiles**, Prentice-Hall. Minnesota. 1972.

SIFUENTES, M. C. O sistema harmonizado de designação e codificação de mercadorias. **Revista da Associação Mineira de Direito e Economia (AMDE)**, 2013.

SITE: Portal ALICEWEB – Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior, <http://aliceweb.mdic.gov.br>, acesso em 10/05/16.

SPENCER, D., **Knitting technology**, Pergamon Press, 3ªed, London, 2001.

VASCONCELOS, F.B. **Introdução à malharia**. Centro Universitário FEI. Apostila não publicada. 2015

WALCZAK, Z.K. **Processes of Fiber Formation**. ELSEVIER. Oxford, 2002